



Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

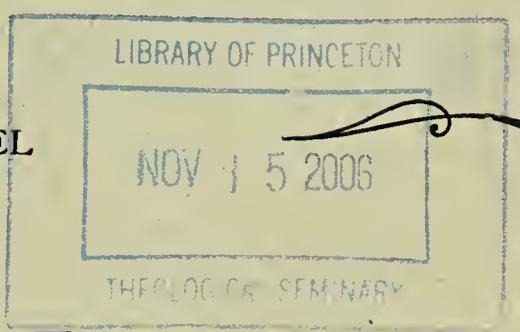
No. 12 renascença

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

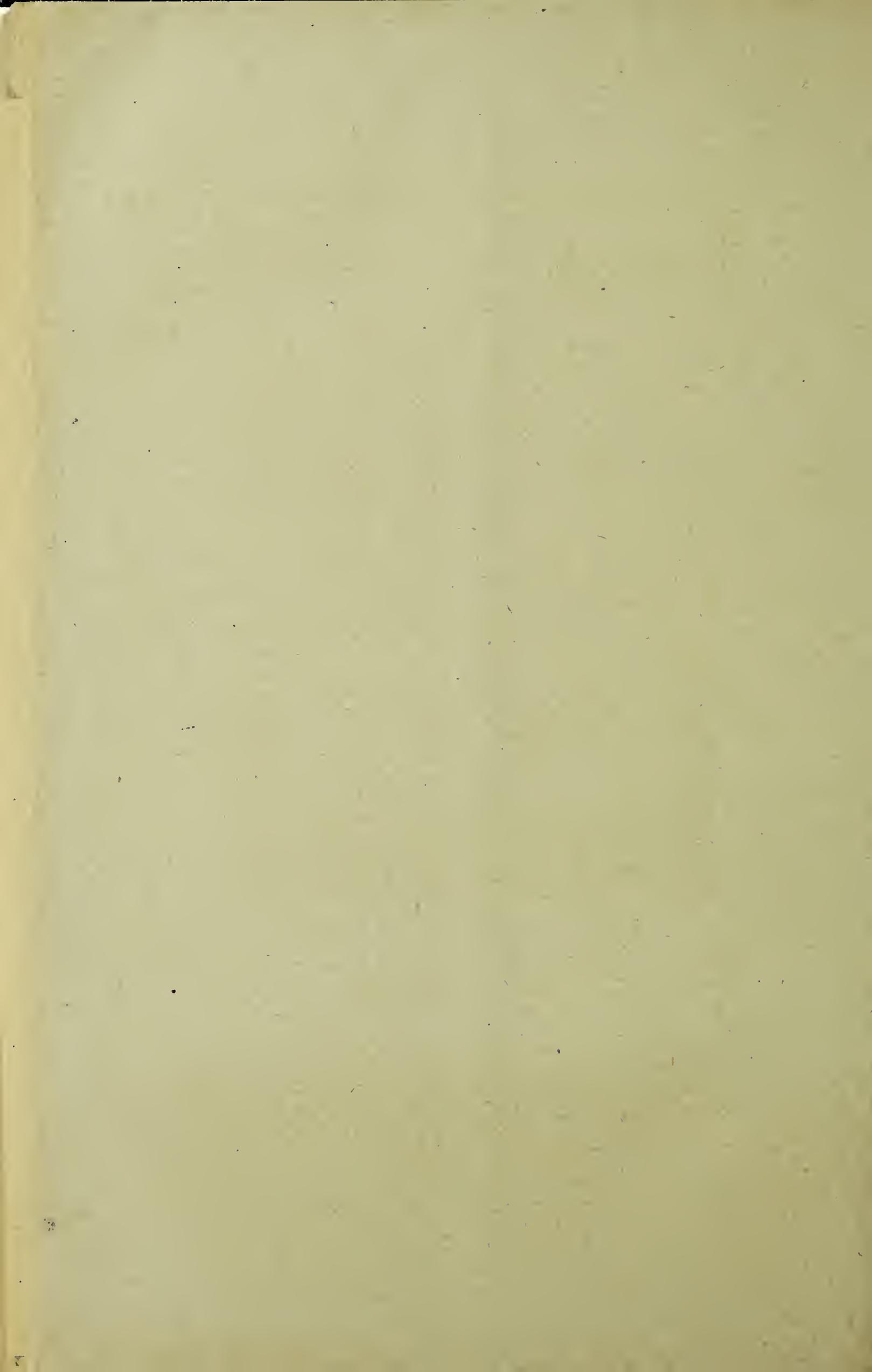
FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

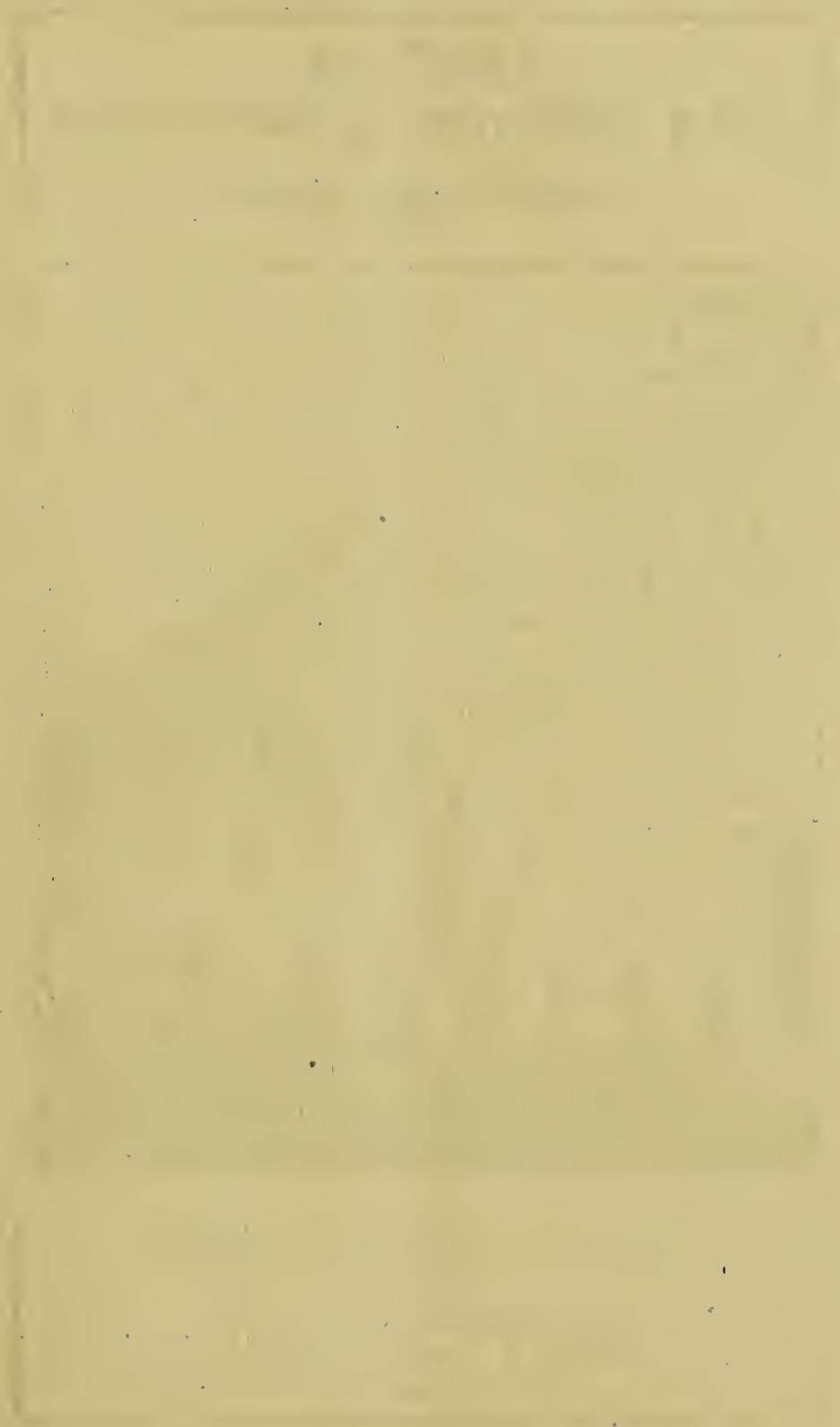
FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL



SUMÁRIO

25 de Dezembro	<i>Redação</i>
Os Fenômenos de Bilocação	<i>Prof. Ernesto Bozzano</i>
O Sofrimento dos Animais	<i>J. B. Chagas</i>
Do Perispírito — Algumas Sugestões para Interpretação de Certos Fenô- menos Misteriosos do Organismo Hu- mano	<i>Dr. T. Novelino</i>
Desespero sem Causa	<i>Prof. Leopoldo Machado</i>
Trinta anos entre os mortos	<i>Dr. Francisco Klörs Werneck</i>
Glória Mundi	<i>Prof. Aduino de O. Serra</i>
Caminhar para a frente	<i>J. O. C.</i>
Ilusionismo e Espiritismo	<i>Coronel Faure da Rosa</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>

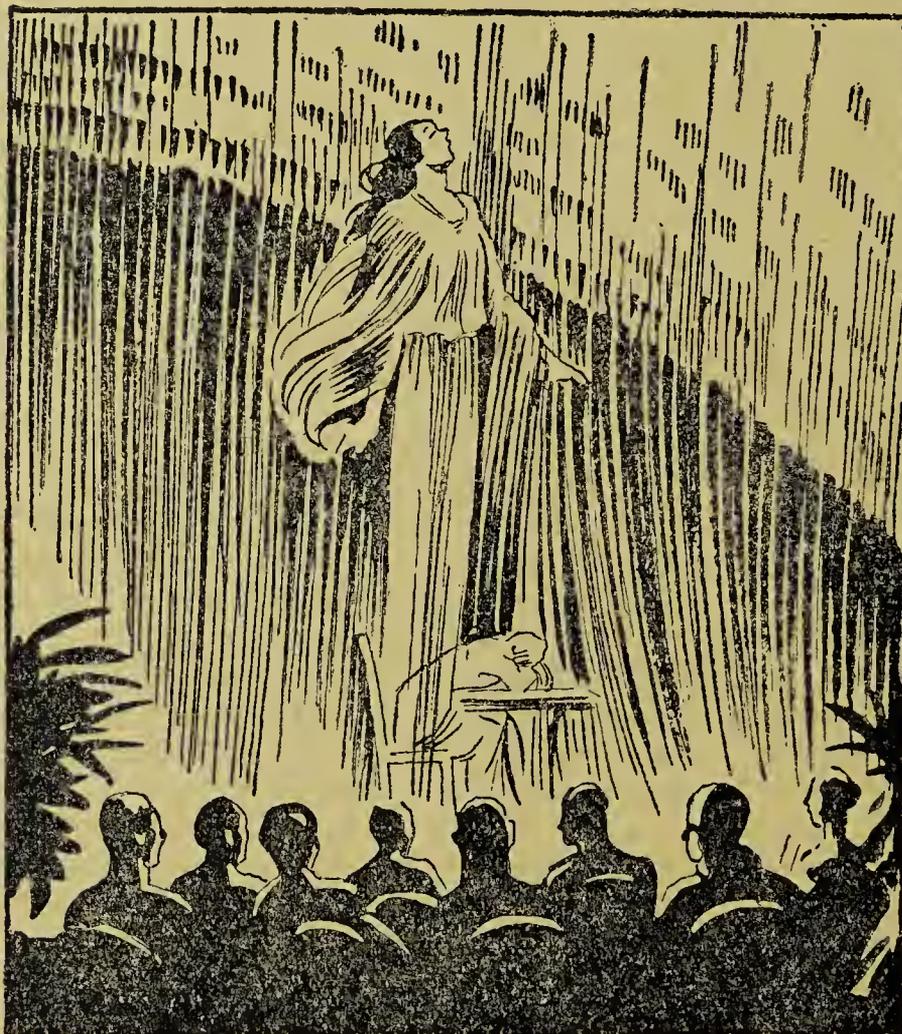




PAUL BODIER

Como Desenvolver a Mediunidade

(CONSELHOS AOS MÉDIUNS)



Tradução do Dr. Francisco Klörs Werneck

Empreza Editora «O CLARIM»
Matão — Estado de S. Paulo
1944

A' venda na Livraria de «O Clarim». Preço: em brochura, Cr. \$ 5,00 ; encadernado, Cr. \$ 7,00, e mais 80 centavos para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ≡ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas : Rua Ruy Barbosa n. 673

25 de Dezembro



templo da grande deusa Diana, com os seus deuses de ouro e prata feitos por mãos humanas, dos quais os artífices tiravam lucros fabulosos, havia se constituído em religião da turba ignara e fanática. Imperava o «bezerro de ouro», símbolo de uma humanidade essencialmente materialista. Os escribas, fariseus e saduceus, que «coavam um mosquito e enguliam um camelo», que «dizimavam a hortelã, o endro e o cominho, mas negligenciavam os preceitos mais importantes da lei», haviam transformado os templos de oração num autêntico mercado.

Os dois principais mandamentos do Decálogo — «amar a Deus sobre todas as cousas e ao próximo como a si mesmo» eram calcados aos pés dos mercenários da religião. Entretanto, a «Pena de Talião»: — «ôlho por ôlho, dente por dente» e o apedrejamento em praça pública, era a ordem do dia.

Foi nessa ocasião, ha quasi XX séculos, que o Messias, num gesto que revela o mais profundo amor, deixou a sua morada celestial para, num supremo sacrifício, encarnar-se neste mundo, que, no Universo, não representa mais que um grão de areia nas profundezas de imenso oceano. E

fê-lo nascendo numa mangedoura, símbolo da humildade, ministrando assim a primeira lição que, na sua mudez, fala muito mais alto do que os milhões de discursos proferidos pelos homens, sobre a humildade, os quais, na prática, fazem justamente o contrário: cultivam o orgulho, fonte dos grandes males que infelicitam a humanidade.

Sua doutrina, fundada no amor e na vida eterna, se de um lado alegrou e confortou corações humildes, de outro despertou a inveja, o ciume entre os poderosos, que viam nela a queda do seu domínio sobre as massas fanáticas e dos lucros indevidamente auferidos à custa da religião. Daí a perseguição que moveram contra o Meigo Rabi da Galiléia, a qual só terminou quando êle exalou o último suspiro nos braços de uma cruz.

Mas as sementes de sua doutrina não deixaram de medrar nos cérebros e corações de muitos daquela época. Já se fizeram árvores frondosas, árvores que estenderão seus ramos à medida que o tempo avançar, proporcionando sombra, repouso, frutos sazonados e seiva ao viajor cansado de longas e árduas jornadas.

Seus ensinios, suas parábolas e seus feitos vão ganhando terreno, já estão sendo esmiuçados em sua essência, que se traduz no espírito que

vivifica. Os quadros de sua vida e do seu imenso trabalho de traçar diretrizes certas à humanidade, já se desenhavam nitidamente em nossas almas: vemo-lo realizar curas de enfermidades que desafiavam e continuam a desafiar a pretenciosa medicina oficial como testemunho de que Êle é, efetivamente, o Enviado de Deus; vemo-lo expelir espíritos atrasados, espíritos daqueles que passaram por este mundo, provando assim que a vida prossegue após a chamada morte; vemo-lo ressuscitar Lazaro, o que nos demonstra que temos alma e que esta é imortal; vemo-lo no Monte Tabor com os espíritos de Elias e Moisés reafirmando a imortalidade da alma; vemo-lo com Nicodemos, ensinando que ninguém entrará no reino de Deus se não nascer de novo, pregando assim a reencarnação como meio de sermos perfeitos «como perfeito é o Pai celestial»; vemo-lo ante os que apedrejavam a adúltera, que lhe perguntaram se deviam ou não apedrejá-la conforme a lei de Moisés, armando-lhe assim uma cilada, ao que êle respondeu: «aquele que dentre vós está sem pecado, seja o primeiro que lhe atire uma pedra», ensinando desta forma que não devemos condenar os nossos semelhantes, mas perdoar-lhes os êrros; vemo-lo descrever a Parábola do Bom Samaritano em que nos dá a compreender a lei do amor fraterno

e a verdadeira missão dos que pregam a religião; vemo-lo, enfim, ressuscitar ao terceiro dia, confirmando assim todos os seus ensinamentos, seus feitos e a imortalidade da alma, um dos pontos básicos da sua excelsa missão.

Rejubilamo-nos ao ver que a sua doutrina marcha cada vez mais célere. Jesus continua a ser, entre os grandes reformadores, o *primus inter pares*, o exemplo vivo, enfim, como Êle próprio afirmou — «o caminho, a verdade e a vida».

Reinos, impérios, metrópoles, sãbios, filósofos, religiões, tudo tem passado e vai passando, ao passo que a sua doutrina, agora revivificada pelo Espiritismo, que é o Paracleto da sua promessa, brilha cada vez mais, impondo-se, não pela fôrça bruta que gera o ódio e o infortúnio, mas pelo consôlo que a todos proporciona, pela fé imarcescível que ergue em todas as almas, pela esperança que infunde com a promessa de um mundo vindouro, baseado na paz, no amor e na verdadeira felicidade.

No próximo dia 25 a cristandade comemorará o seu natalício, rendendo-lhe justa homenagem, de acordo com a tradição. Nós o fazemos em espírito vivificante, lembrando a sua vida com a solene promessa de seguir os seus preceitos, para nos tornarmos dignos do seu reino.

Salve, 25 de Dezembro!

Os Fenômenos de Bilocação

(Continuação)

3.^a CATEGORIA

Caso XIV — Charles Quartier, redator da *Revue Metapsychique*, relata o seguinte facto a êle mesmo ocorrido:

«Em Setembro de 1918, estando eu enfraquecido pela chamada gripe espanhola, e o organismo completamente debilitado pela longa alimentação insuficiente consecutiva à guerra, aconte-

Prof. ERNESTO BOZZANO

cia-me frequentemente desmaiar durante minha convalescença, isto de modo inesperado. Ora, certa tarde, estava eu deitado num canapé, colocado num canto do meu quarto, e eu repousava. Durante êsse tempo, minha mãe conversava, no vestíbulo, com alguns visitantes que acabavam de chegar, quando, de súbito, vi-me, a mim mesmo, como se houvesse caído do canapé, a cabeça e busto no chão, mas as pernas ainda sobre o móvel.

Experimentei então três espécies de sentimentos, sem poder precisar se isso foi simultânea ou sucessivamente.

Um sentimento agradabilíssimo e quasi impossível de descrever, de expansão, de plenitude, de universalidade, de extrema agilidade, em uma palavra, de uma inverossimileuforia, tal como, depois, jamais a resenti no mesmo grau.

Depois, também, um sentimento de terror desarrazoado, quasi de pânico, que nascia do insólito espetáculo e da consciência de me encontrar diante de um facto normalmente impossível: ver-se a si mesmo fóra do intérprete de um espêlho. Ora, nesse aposento, não havia a sombra dum espêlho.

Enfim, a idéa ou sentimento que se eu permanecesse de cabeça no soalho, isso poderia ser perigoso, e preciso era, a todo preço, levantar-me, o que procurei executar — pelo menos foi essa a minha impressão — sempre do exterior, por assim dizer, como se se tratasse de erguer o corpo de um estranho para recolocá-lo em seu lugar, naturalmente sem resultado algum.

Depois pareceu-me estar no vestibulo, ancioso por atrair a atenção de minha mãe que falava com seus visitantes, e que de repente exclamou: «Esperai-me um instante. Preciso ver o que acontece a meu filho. Parece-me que êle me chamou.» — Depois, minha memória nada mais conservou, até o momento em que despertei normalmente sôbre o canapé, com minha mãe a meu lado, a me prodigalizar cuidados apressados, os habituais em caso de síncope.

Eis o breve relato de meu aparente desdobramento, tal qual dele me lembro na hora atual. Infelizmente, os factos não foram registrados por escrito no mesmo momento de sua ocorrência, — o que sempre se deveria fazer, mas nisso não se pensa... Uma cousa é certa: vi-me a mim mesmo — numa posição seguramente perigosa, — ou ao menos era essa a minha ilusão absoluta... E o que também choca, é êsse sentimento de euforia absoluta e inefável que caracteriza êsse estado, e o facto que, quando me pareceu encontrar-me no vestibulo para chamar a atenção de minha mãe, esta experimentou um sentimento de inquietação (a-

creditando-se mesmo que eu a chamara), o que a impeliu a vir junto a mim, ainda que convicta de estar eu a repousar tranquilamente no canapé.»

Solicitada a dizer sôbre este facto, a mãe de Charles Quartier respondeu isto:

«... se me lembro dessa ocorrência? Sim, segundo a expressão familiar, como se fosse de ontem! Foi muito impressionante!

Meu filho sofrera de terrível gripe que quasi o vitimou. Ele entrava em convalescença, e ousava levantar-se por curtos instantes para recuperar forças.

Certa tarde e quando repousava sôbre o canapé, depois de dar alguns passos pelo quarto, saí para receber visitas: uma senhora e dois filhos. Havíamos apenas trocado algumas palavras, quando exclamei: «Desculpai-me, creio que meu filho me chama».

«Mas nós nada ouvimos». — Sim, sim, estou certa disso.

Voltei ao quarto e encontrei desmaiado o meu convalescente, caído do canapé, somente os pés ainda repousavam sôbre o móvel.

Logo depois de ter recuperado consciência — o que levou muito tempo — êle me fez o relato de seu «desdobramento», relato que me impressionou o mais possível, como bem se pode imaginar, e, depois disso, muitas vezes falámos dêsse singular acontecimento.

Meu filho era muito pesado, meus «visitantes» vieram ajudar a levantá-lo para o repôr sôbre o canapé. Não se esquece semelhante facto». (Assinatura: E. Quartier — Tissot — 12 de Maio de 1930).

Da exposição dêste facto, pode-se concluir que êle se desenrolou em tempo assás longo.

Por outra parte observo que o caso em aprêço contém o episódio do protagonista, o qual teve a impressão de ter-se dirigido ao vestibulo com o propósito de advertir sua mãe para que ela fôsse socorrê-lo, ao mesmo tempo que a mãe simultaneamente experimentava um fenómeno de alucinação telepática auditiva: parecia-lhe ouvir a voz de seu filho a chamá-la. Incidente supranormal ve-

ridículo que teve por efeito arrancar o enfêrmo, a tempo, de sua posição perigosa.

Importante e sugestiva, essa sensação deliciosa de euforia, de expansão do sêr, de plenitude de vida, de universalidade de consciência combinada com a consciência individual, tal como foi experimentada pelo enfêrmo, e tal qual a ressentem em grande número as pessoas nos casos de desdobramento; da mesma maneira também os místicos em êxtase, ou também as pessoas normais em momentos excepcionais de sua existência. E a todos se aplica a descrição dêsse sentimento extraordinário tal qual algumas vezes se revelou à consciência elevada do grande poeta inglês Alfred Tennyson. Êle escreve:

«Jamais tive experiências de revelação pelo efeito de anestésicos, mas frequentemente experimentei uma sorte de «trance» (eu não poderia encontrar

um termo melhor) desde minha infância, e nos momentos em que me encontrava só. A experiência se realizava com facilidade quando mentalmente eu repetia meu nome com monótona insistência. Nêste caso acontecia-me — como se a intensa consciência de minha individualidade provocasse o fenômeno — entrar em um estado ou individualidade que parecia dissolver-se e se transformar em uma condição supranormal, condição que não era de modo algum confusa, porém clara entre as mais claras, certa entre as mais certas, ainda que literalmente inexplicável por palavras, e na qual a morte se tornava uma impossibilidade ridícula. A perda da personalidade (se o pudermos dizer), longe de significar *extinção*, revelava-se a mim como a única e verdadeira vida. Aflige-me a insuficiência de minhas expressões, mas já não havia eu dito que tal estado era inexplicável na linguagem humana?»

(Continua)

O Sofrimento dos Animais

J. B. Chagas



ENDO o Espiritismo a doutrina que, na personificação do Consolador, o Cristo prometeu mandar, ao seu tempo, à terra, para nos explicar todas as coisas, não poderia silenciar sôbre o portentoso assunto do sofrimento dos animais, êsses prestimosos auxiliares do homem no seu jornadaar terreno.

Ainda hoje, êsses nossos irmãos inferiores, como no dizer de Francisco de Assis, por isso que levantava o pé, cautelosamente, para não esmagar uma minúscula formiga, ao caminhar pelas estradas; ainda hoje, repetimos, o papel que desempenham ao lado do homem, não foi ainda devidamente compreendido.

Por uns são considerados sêres à parte na Creação, destituídos de qualquer utilidade; outros, repugnam o parentesco animal, na falsa suposição de que só os homens são os sêres privilegiados por Deus à face do planeta. Outros, ainda, negam até que os mesmos possuam almas, e não passariam de autómatos, reagindo

mecanicamente às excitações do meio exterior ou interior, tal como na hipótese de Descartes, hipótese mais que insustentável, porque, está cientificamente provado que os animais, como sêres carnis, nada possuem que os possa distinguir ou diferenciar dos sêres chamados humanos.

A Anatomia e a Fisiologia já demonstraram experimentalmente a identidade de composição e de funcionamento vital dos tecidos, animais e humanos, que poderíamos repetir hoje com *Le Dantec*, quando afirmou que a «substância cão», pode viver na «substância homem».

Analisada a hipótese pelo lado puramente espiritual, tudo prova, também, não existir entre a alma do homem e a dos animais, mais que uma diferença de gráus, tanto do ponto de vista moral, como do intelectual, considerados, é certo, até um determinado limite.

«Segundo a opinião de alguns filósofos espiritualistas — diz sabiamente *Allan Kardec* — o princípio inteligente, distinto do princípio material, individualiza-se e elabora-se, passando pelos diversos

graus da animalidade; é nesses graus que a alma se ensaia na vida e desenvolve as suas primeiras faculdades pelo exercício; é, por assim dizer, o tempo de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento que comporta esse estado, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim a filiação espiritual do animal ao homem, como existe filiação corporal». (*A GÊNESE*, Cap. XI, n.º 23).

Manifestando-se, de início, rudimentarmente, estas faculdades vão, no entanto, nos últimos estádios da vida, aperfeiçoando-se, paulatinamente, fazendo ao mesmo tempo que subam na escala todos os seres.

Os seres chegados a este ponto, nessa longa trajetória, desenvolvem as faculdades latentes e as manifestam de modo idêntico ao nosso, o que é mais evidente, á proporção que mais se aproximam da humanidade, ou seja do período de humanização.

Por isso, diz *Kardec*, muito proficientemente, que, quando um Espírito enceta a vida espiritual e começa a fazer uso das suas faculdades, de início rudimentares, reveste um invólucro apropriado ao seu estado de infância intelectual. Caso típico dos selvagens.

O corpo é, portanto — conclue o Codificador — apenas um envoltório destinado a receber o Espírito; desde então, pouco importa a sua origem e os materiais de que é constituído. (*A GÊNESE* — Cap. XI, ns. 12 e 14).

* * *

O orgulho do homem, porém, pretendeu levantar entre êle e o animal uma barreira que na realidade não existe. Sabemos todos que a inteligência do animal é menos desenvolvida, não só pelos motivos que acima vimos de expôr, como também porque as suas necessidades á face do planeta são menores. Seus órgãos são menos completos, porque o círculo de suas atividades é também mais limitado; e nada mais.

Já agora, sabe-se que os animais possuem, não apenas a inteligência, mas, também instinto e sensibilidade. E como é certo que todo efeito inteligente tem, consequentemente, uma causa inteligente, e sabendo-se mais que a grandeza do efeito é diretamente proporcional á po-

tência da causa, chegamos a concluir que a alma do animal é da mesma natureza que a humana, apresentando diferença apenas no desenvolvimento gradativo atingido; daí dizer *Erasto* — «não ter ela, quanto ao presente, nenhuma aptidão para se mesclar, unir, fundir com o sôpro divino, a alma etérea, o Espírito, numa palavra, que anima o sêr essencialmente perfectível — o homem, o rei da Creação». E prosseguindo aquele Espírito interroga: «Não é essa condição fundamental de perfectibilidade o que constitue a superioridade da espécie humana sobre as outras espécies terrestres? Reconheci, então — conclue *Erasto* — que não se pôde assimilar ao homem, que só êle é perfectível em si mesmo e nas suas obras, nenhum indivíduo das outras raças que vivem na terra.» (*L. DOS MÉDIUNS* — N.º 236.)

Preciso é, no entanto, reconhecer essa inaptidão, apenas, quanto ao presente, como sabiamente afirmou *Erasto*.

Na maioria dos animais, como é sabido, domina geralmente o instinto, contudo obram, ás vezes, com acentuada vontade ou discernimento, denunciando inteligência, embora limitada. Nada, porém, cream, nem melhora alguma realizam por si mesmos, quanto á qualidade do espírito. O progresso que algumas vezes realizam pela ação do homem, é passageiro e puramente individual. Quando esta cessa, não tarda que o animal volte a encerrar-se nos limites que lhe traçou a natureza. E' que os animais vivem vida material e não vida moral.

Diverso do destino dos homens é, pois, o destino dos animais, isso porque ha no homem mais alguma coisa, além das necessidades físicas: ha a necessidade de progredir. (*L. DOS ESPÍRITOS* — Ns. 773 e 774.)

Na natureza tudo é transição, embora não tenha ela, na opinião de *Vulpian*, traçado uma linha bem nítida de demarcação, e uma coisa não se assemelhe a outra, no entanto, tôdas se prendem umas ás outras. (Ob. cit. n. 589).

Por isso, uns querem que o homem seja um animal; outros, que o animal seja um homem. Todos, contudo, erram. O homem é um sêr áparte, que desce muito baixo, ás vezes, mas que pode também elevar-se muito alto. (Ob. cit. n. 592).

Seu corpo se destróe, como o dos animais, é certo, mas ao seu Espírito está

assinado um destino que só êle pode compreender, porque só êle é inteiramente livre.

Portanto, só o homem vive a vida moral; só o homem tem consciência real da sua existência, daí a sua maior responsabilidade, à face do plano terreal.

A vida moral, portanto, é que crê a responsabilidade e dá ao homem o senso da personalidade, não atingindo os seres irracionais.

As próprias leis penais, não olvidam esta regra, daí culminarem, quando julgam os homens, a pena na razão direta do dano e da responsabilidade do agente operante. Por isso, os imbecís, os loucos, os ébrios e os menores, são considerados irresponsáveis perante a lei, porque as ações danosas que praticam, revestem o caráter da irresponsabilidade.

Em resumo, e através do que ficou dito, chegamos a compreender que os animais não são simples máquinas, e que a liberdade de ação que desfrutam, é limitada pelas suas necessidades, não podendo, de modo algum, ser comparada à do homem. Mesmo assim, essa liberdade em todos os atos da vida material é, todavia, restrita.

* * *

Assim, a dôr e o sofrimento, como elementos de depuração e reparação, não atingem os animais, uma vez que a êstes falta o senso moral e discernimento próprios; nada fazem premeditada ou melhor, intencionalmente, e é isso que torna, aliás, o homem duplamente culpado pelas faltas que comete. Êle tem o senso moral da responsabilidade e pôde prevêr as consequências dos atos que pratica. Age, portanto, conscientemente. Esta característica é que dá ao homem a consciência de si mesmo. De idénticas faculdades não dispõem os animais. E' ela que distingue o homem, constituindo o principal atributo do Espírito, e o diferencia dos outros animais...

Por esta razão as dôres e os sofrimentos dos animais são considerados puramente acidentais.

* * *

Os animais, e os homens quasi selvagens, nos dão uma idéia dos seres que agem no planeta sob determinação absoluta. Essas criaturas servem para estabe-

lecer a realidade triste da mentalidade do mundo, ainda distante da fórmula do amôr, com que o homem deve ser o legítimo cooperador de Deus, ordenando com a sua sabedoria paternal. Sem saberem amar aos irracionais e aos irmãos mais ignorantes colocados sob a sua imediata proteção, os homens mais educados na Terra exterminam os primeiros para a sua alimentação e escravizam os segundos para objeto de exploração grosseira. (O CONSOLADOR — pag. 77.)

Assim, em face do enunciado, chegamos a compreender que o progresso dos animais está condicionado ao progresso dos homens.

Nos mundos superiores, no entanto, os homens são mais adiantados, os animais também o são, dispondo de meios mais amplos de comunicação. Contudo, serão sempre inferiores ao homem, aos quais se acham submetidos, por isso não progredem pelo esforço da própria vontade, não estando, por essa mesma razão, sujeitos á expiação. (L. DOS ESPÍRITOS — n. 602.)

Mas, se nêsse esforço de trabalho e dedicação, por vezes sofrem, é porque obedecem a um designio do Creador, que ao homem não é dado penetrar, nem muito menos compreender.

Já que sabemos que nenhuma dôr é inutil e que Deus não castiga, porque é misericordioso e bom, chegamos a compreender que ha uma razão determinando essas aparentes anomalias.

Pelos esclarecimentos emanados dos Espíritos superiores chegamos também a compreender, que só nós outros, espíritos encarnados, estamos submetidos á inevitável lei do progresso, que nos impele fatalmente para diante e sempre para diante. Deus colocou os animais ao nosso lado como auxiliares, para nos alimentarem, para nos vestirem. Deulhes uma certa dôse de inteligência, porque, para nos ajudarem, precisavam compreender, porém, lhes outorgou inteligência apenas proporcionada aos serviços que são chamados a prestar. (L. DOS MÉDIUNS, N.º 236.) Do seu sacrificio, dos seus sofrimentos e das suas dôres, resultará o seu próprio progresso.

E' bem verdade que a ingestão das vísceras dos animais é um êrro de enorme consequência, do qual derivam numerosos vícios da nutrição humana. E' de

lastimar semelhante situação, mesmo porque, se o estado de materialidade da criatura exige a cooperação de determinadas vitaminas, esses valores nutritivos podem ser encontrados nos produtos de origem animal, sem a necessidade absoluta dos matadouros ou frigoríficos. (O CONSOLADOR, pag. 72.)

Os sofrimentos dos homens, sabem todos, têm relação de causa e efeito com o seu passado. Muitos desses sofrimentos são originados no presente, mas comumente vêm do pretérito, como um patrimônio tenebroso do Espírito, e que estão agora a pedir reparação, para o restabelecimento do equilíbrio alterado pela sua maldade ou inconsciência, daí a necessidade das provas e das expiações.

Com os animais, todavia, as coisas se passam de modo bem diferente, uma

vez que não estão sujeitos nem a provas, nem a expiações. Sofrendo dôres e passando privações, no seu grande amor e dedicação aos homens, dôres e privações que não resultam de causas anteriores, pagam um caro tributo ao seu próprio progresso.

Considerando, por fim, que eles possuem igualmente diante do tempo e do espaço um porvir de fecundas realizações, através de experiências numerosas, chegarão, um dia, ao chamado reino hominal, como, por nossa vez alcançaremos, no escoar dos milênios, a situação de angeltude! A escala do progresso é infinita! (O CONSOLADOR — pag. 51).

E tudo isso prova a imensurável grandeza de Deus!

Nova Iguaçu, 1944.

Do Perispírito — Algumas Sugestões para Interpretação de Certos Fenômenos Misteriosos do Organismo Humano

E' interessante constatar, à luz da ciência, de como o elemento masculino fecunda o óvulo, transformando-o em ovo, sua evolução progressiva formando o embrião e êste em fêto. Estudos cuidadosos feitos em animais e mesmo no homem têm permitido constatar que do ovo ao fêto, cada série animal recapitula, em suas fases, todas as séries precedentes, o que levou um certo sábio a formular a lei de que «a embriogênese é uma recapitulação da filogênese».

Que engenho maravilhoso e misterioso pôde presidir a êste plano sabiamente traçado, todas estas etapas rigorosamente organizadas e superpostas, atestando sabedoria manifesta, até o acabamento da obra, o fêto, a criança recém-nascida?!

Ainda mais, quem delibera e distribue, partindo de uns tantos limitados corpos orgânicos, para aqui formar um vaso sanguíneo, os globulos do sangue e seu plasma, ali um tecido epitelial, com suas características variáveis, o tecido conjuntivo, o cartilaginoso, o diferenciado tecido ósseo, além o delicado e complicado

sistema nervoso?! Uma direção inteligente se impõe com tal evidência, que Claud Bernard se viu forçado a admitir uma «fôrça diretriz». Gabriel Delane, em sua obra preciosa «A Evolução Anímica», aventa a teoria do perispírito, o qual traz registrado em si todas as reminiscências das espécies passadas, através dos avatares, reproduzindo, de maneira progressiva e rápida, conforme o estado vibratório adquirido, todas as fases nêle gravadas. Aquí a interpretação mostra-se transparente e sedutora. Depois vem a vida nas suas diferentes fases, a infância, a puerícia, a adolescência, a maturidade, a velhice e morte, regulada por uma fôrça que se convencionou chamar a fôrça vital, mas, ainda presidida e dirigida pelo perispírito. E os misteriosos fenômenos orgânicos que a ciência constata, mas não explica, o alimento que sofre a ação dos sucos digestivos, sua fermentação, sua digestão, atravessando a parede intestinal, na misteriosa absorção, onde passa por mudança que o transforma em substância assimilável, entrando na circulação do sangue, para ser distribuído ao organismo todo, um

sangue igual, que vai formar células diferentes, tecidos os mais diversos, numa discriminação perfeita e sabiamente organizada?!

Quem ensinou e deu esta ordem ao sangue que no fígado forme a célula hepática, na tibia o tecido ósseo e no cérebro deixe princípios fosfáticos, lecitina e protoplasma da célula cerebral?! Mais uma vez a existência do perispírito se impõe.

O problema é interessantíssimo e bons esclarecimentos encontraríamos com o conhecimento do perispírito, para explicação dos fenômenos orgânicos, formação e distribuição de hormônios, delicadas funções viscerais, principalmente o maravilhoso funcionamento do sistema nervoso, etc.

E por falar em sistema nervoso, o cérebro parece ser o órgão de ação direta do perispírito, daí se irradiando através da medula e dos nervos a todo organismo, presidindo o complicado e harmonioso funcionamento orgânico. De passagem podemos lembrar que, se as moléstias são em última análise desorganização na estrutura e funcionamento dos órgãos, que papel não deve representar aí o perispírito! Já não falando nas doenças sem um substrato orgânico, em que o papel do perispírito se mostra bem mais visível. As experiências espíritas demonstram ter o perispírito a exata forma do corpo físico, ou por melhor dizer, êste tem a forma daquele, encaixando em todo o corpo e interpenetrando em todas as células, num perfeito embebimento, que dizemos na falta de melhor linguagem. Do cérebro, estação irradiadora, manda pelos nervos, linhas de transmissão de força, toda a energia (fluido nervoso, magnético, vital) que mantém e preside as funções orgânicas. Sendo o perispírito fluídico, imponderável, não é acessível aos traumatismos orgânicos. É lícito perguntar, por exemplo, como se portaria o perispírito na amputação de um membro, já que êle não é acessível ao traumatismo. É facto notório que muitos mutilados sentem como se ainda tivessem presente a parte que foi eliminada num traumatismo. Têm a impressão que o membro, braço ou perna eliminados, ali se acham presen-

tes. A ciência médica não tem dado do fenômeno uma explicação satisfatória. É que o perispírito, sede da sensibilidade, ali permanece, conferindo a sensação ao paciente, até que se vai retraindo paulatinamente. Esta explicação já defendeu Bozzano, em artigo muito bem feito e documentado. O que queremos chamar a atenção, porque se prende diretamente ao assunto, é para os casos chamados de paralisia. Paralisias com substratum orgânico, como nos casos de derramamento cerebral e paralisias funcionais, como nos indivíduos chamados histéricos. Num e noutro casos, deixando de haver a interdependência do perispírito e parte somática afetada, há como que um retraimento do perispírito e respectivo bloqueio da zona comprometida. Uma verdadeira dissociação. A interpretação é curiosa e faltava uma demonstração.

Um paciente da vizinha cidade de Itirapuan nos procurou, certa vez, devido a uma paresia (meia paralisia) do braço direito. Contou-nos que fôra vítima, há dois anos, de um acometimento que o médico que o socorreu taxou como — hemorragia cerebral. Procurou-nos, sabedor das nossas idéias espíritas, porque, a uma certa altura de sua paralisia, começou a distinguir pela vista que seu braço paralítico se mostrava duplo, sendo que o que não era de carne e osso era justamente o que movia por solicitação de sua vontade, ficando o outro imóvel.

Êste facto singular projeta um jacto de luz no que afirmamos acima. Havendo, como dissemos, verdadeira dissociação entre o membro lesado e o perispírito, êste somente atendeu ao comando do paciente, entrando em movimento e sendo percebido por sua visão astral. Por estas poucas conjeturas vê-se o quanto a Medicina lucraria se abordasse com interesse o estudo do Espiritismo. Fica provado mais uma vez o quanto o campo de ação do Espiritismo é vastíssimo e como, de facto, êle invade todos os conhecimentos humanos.

T. NOVELINO.

Franca, 19/11/944.

Desespero sem Causa

CRÔNICA DE
Leopoldo Machado

UM coração extremoso de mãe escreveu ao diretor da *Hora Espírita Radiofônica*, pedindo palavras de conforto para seu espírito atribulado pela saudade do filho que perdeu. E preces para o Espírito desencarnado.

Se preces de pecador podem beneficiar alguém, se expressões sinceras de quem sabe que a morte não existe podem calar fundo na consciência de quem sofre, atendido plenamente o coração de mãe que nos escreve!

No cumprimento do dever de atendê-lo, que o coração em desesperos, bem como outros tantos corações como o seu, que nos escutam ou lêem, possam meditar em torno das considerações abaixo:

Seja-nos lícito dizer, de início, que nenhuma prece em benefício de alguém póde, naturalmente, ascender mais célere para Deus, pelo sentimento e a sinceridade com que deve ser proferida, como a que, gerada no coração materno, dêle se evole em intenção do filho morto, pelo sofrimento do filho enfêrmo ou infeliz!

Achamos justíssima, de nossa parte, a saudade sentida pelos mortos queridos, as lágrimas que a dôr de sua ausência provoque. Não se justificam, porém, desesperos blasfematórios, aniquilantes, que impliquem descrença nos desígnios da Providência, que arrastem a desejos criminosos de morrer, ao suicídio.

Chorar pessoas queridas ausentes ou mortas é profundamente humano. E, ainda mais profundamente de corações maternos! Pensar e dizer porém, — «*perdi meu filho*» — a respeito do filho morto, é, da parte de espiritualistas, absurdo sem nome! Se o é, tratando-se de materialistas, visto como para o materialismo científico, «nada se perde e nada se cria dentro da Natureza. Tudo se transforma»! Sabem os espiritualistas — sabem-no ou devem saber! — que «nada se perde no Reino do Pai», como afirmara o Cristo! Assim, nenhuma razão lógica para lamentações sem senso e desesperos incontidos, pela morte dos entes queridos que, ao envez de estarem perdidos, estão — isto sim: achados! Achadíssimos, mormente se

foram bons, virtuosos como o para que se nos pede, de quem enviou a fotografia.

Ilustremos estas razões sinceríssimas com uma comparação ligeira, que tomamos ao *Talmud* de empréstimo, para que reflitam sôbre ela o coração que apela para o nosso, os corações maternos que, em idênticas circunstâncias, choram, desesperados, os filhos mortos.

Um grande senhor dera a servos de confiança joias de subido valor, pérolas inestimáveis para as guardarem, sem avisá-los do dia e hora certos de rehavê-los. Mas, chegados a hora e o dia de tanto, o grande senhor exigiu que os servos lhas entregassem. Poderiam, acaso, os depositários dos valores do Grande Senhor negar-lhos? E com que direito o fariam, se eram apenas depositários delas? Negar-lhos, seria um contrasenso, um crime passível de punição em nome da justiça.

Tu, desesperado coração de mãe, que para nós apelas, e vós, corações de mães que blasfemais contra Deus, por vos arrebataram os filhos, estais todas no lugar dos sêrvos que não quiseram entregar ao Grande Senhor —, que é Deus — as pérolas, as joias que vos foram confiados, os vossos filhos! Crede que antes deles vos pertencerem, já pertenciam a Deus, que os fez, de cujo poder saíram! Antes de serem vossos filhos, eram já filhos de Deus. Fostes vós que os fizestes? Não, que a tanto não ascende o poder e a sabedoria humana! Somos pais quando o queremos? Se assim fôsse, quem isto escreve, ao em vez de andar a lidar, como educador, dos filhos alheios, estaria a lidar com os próprios filhos! Assim, os filhos são, apenas legados que Deus nos confiou, são perolas ou joias de altíssimo valor, que o Grande Senhor de tudo quanto existe confia à guarda de criaturas de Sua confiança, até o dia e a hora que desejar e quiser rehavê-las! Nada de passá-las, a falsos pretextos, ás mãos de outrem! E menos ainda de chorar, em desesperos blasfematórios, sua morte, que a sua restituição a seu verdadeiro dono, que é Deus. Não nos pertencemos, porque somos de Deus. Se nem perante as leis humanas os filhos são mais propriedade dos pais — que já não têm direito de vida e

morte sôbre êles; que já nem podem espancá-los à vontade, que lho não permitiriam as leis modernas. Se os filhos não são propriedade dos pais perante as leis dos homens, quanto mais perante as leis de Deus!

Lisonjeados vos deveis sentir, por Deus vos armar em depositários de joias e perolas, que são os vossos filhos! Esta

confiança, quem isto aquí põe, não inspirou a Deus que lhe não quis confiar tais perolas e joias! Portanto, somos bem mais infelizes do que vós.

Meditai, pais extremosos que nos ouvis ou lêdes, no que aí fica, meditando, paralelamente, na vossa atitude de desesperos e, depois, resolvi por vós mesmos!

Paz, Luz e Fé.

Trinta Anos Entre os Mortos

© Autor: Dr. Carl A. Wickland ©

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

A Srta. L. era uma jovem que estava noiva de um viúvo que ocupava antes, com a sua esposa, um apartamento no mesmo edificio em que ela vivia, tendo sido as moças amigas íntimas.

A esposa, porém, faleceu subitamente e, algum tempo depois de sua morte, o viúvo ficou noivo da amiga dela. Logo após isso, começou a moça a sofrer disturbios mentais que foram sempre aumentando.

Em seu estado normal, gostava muito do noivo, porém, quando nos foi trazida, se achava possuída de violenta aversão pelo mesmo e dizia que preferia morrer ou ir para um asilo de loucos do que se casar com êle. Fez várias tentativas para acabar com a vida, porém, em cada vez, parecia voltar a si no último instante e clamava por socorro.

Na ocasião em que a paciente se internava no Instituto, a Sra. Wickland viu, clarividemente, o espírito de uma mulher morena, que estava obsedando a enfôrma, a qual era loura. O espírito estava de tal forma apogado à paciente que era difícil à Sra. Wickland saber quando era uma ou outra. Quando ela descreveu o espírito obsessor, a mãe e o noivo da enfôrma viram que se tratava da morta.

A enfôrma mostrava-se obstinada, com acessos de choro misturados com modos violentos e não podia ser deixada a sós, em qualquer tempo. Dizia-se louca e zombava quando se dizia que ia ficar boa, insistin-

do em que queria morrer porque se vivesse teria que casar com «aquêlê homem».

Certo dia, durante um tratamento, entrou em estado de trance parcial e o espírito falou em linguagem violenta: «Êle nunca se casará com ela. Êle jamais a terá. Po-la-ei num hospício ou acabarei com ela, pois êle nunca a possuirá».

Em seguida, falou o espírito de uma creança, como se defendendo a mãe. A irmã da enfôrma, que estava presente, reconheceu nessa última inteligência o filho da morta, falecido aos 13 anos.

O desfecho se deu poucos dias depois. A enfôrma se havia mostrado mais obstinada e indomável que de costume, tratando com desprezo o noivo, que fôra chamado. Após forte aplicação que lhe foi feita, dormiu a paciente sono calmo toda a noite. A Sra. Wickland, todavia, foi, durante aquela noite, grandemente molestada pela presença de um espírito que a importunou até às 4 da manhã, quando então deu incorporação ao espírito da esposa falecida.

Após consideravel esforço, consegui que o espírito se resolvesse a falar, porém foi com dificuldade que compreendeu sua verdadeira situação, isto é, que era um espírito desincarnado e estava se manifestando por intermédio da Sra. Wickland. Ela censurou acicamente seu ex-marido e a paciente por causa do tratamento que lhe estava sendo aplicado e ainda proferiu ameaças contra a moça. «Hei-

de mandá-la para um hospício. Heide matá-la», exclamava ainda.

Foi preciso grande dóse de argumentação e persuasão para que levassemos o espírito ao arrependimento de suas faltas, porém finalmente chegamos a bom resultado.

Tendo lhe perguntado se seu filho se achava em sua companhia, disse que o via às vezes, porém que tinha morrido e que não podia saber dele.

Aconselhado o espírito a deixar a moça que estava perseguindo e a ir com os bons espíritos para uma esfera mais elevada, embora arrependida, continuou no plano terreno até que finalmente resolveu-se a deixar de importunar a paciente, quando então passou, subitamente, a dizer que se sentia fraca e estava morrendo. (Tal facto se verifica quando os espíritos compreendem sua actual situação ou quando passam novamente pelas condições físicas sob as quais deixaram os seus corpos terrenos).

Calafrios e violentos ataques de tosse se seguiram à angústia do espírito e finalmente, após pseudal luta de morte, partiu. Tais sintomas foram reconhecidos pelo ex-marido e a mãe da paciente como correspondendo exactamente aos manifestados pela morta, na ocasião do seu desincarne por pneumonia.

Depois disso a enfêrma rapidamente recobrou a saúde. Breve deixou o Instituto e hoje vive bem e feliz.

Caso peculiar foi o do Sr. Mc, pessoa bem conhecida em Chicago e cuja família tem alta posição social.

Esse moço começou a agir estranhamente; evitava os membros de sua família e dizia a sua esposa e parentes que queria viver num plano mais elevado e não queria nada com êles. Certo dia arrumou as malas e abandonou o lar, indo viver num quartinho que alugara na zona mais baixa da cidade.

Nunca havíamos visto tal pessoa,

porém uma parente do mesmo, que sabia do nosso trabalho, nos pediu que concentrassemos em seu benefício, em nosso círculo e, isso feito, certo espírito foi trazido e incorporado na Sra. Wickland. Após certa insistência, deu seu nome completo e confessou que fora a primeira esposa do Sr. Mc, contando sua própria história.

Encontrára o Snr. Mc em Chicago, durante a Feira Mundial e, certo tempo, viveram juntos, sem a formalidade do casamento, até que os parentes dele descobriram a coisa e compeliram-no a casar-se. Ela fora aceita na sociedade, porém se revoltara às vezes contra a vida convencional, porque, sendo frívola e irrequieta, não podia viver feliz com o marido.

Finalmente o abandonára e fora para a «zona má», para uma casa de péssima reputação. Embora às vezes lastimasse sua conduta, continuara no seu modo de viver, adquirira o vício da morfina e acabara suicidando-se.

Depois de morta, voltara para o marido e, quando êle se casou de novo, ficara com raiva, induzia-o a deixar a mulher e filhos e fugir para o bairro em que ela vivera.

Mostramos-lhes o mal em que laborava, influenciando seu ex-marido daquela maneira e depois que compreendeu o progresso que a aguardava no mundo espiritual, prometeu partir e esforçar-se por atingir uma esfera mais elevada.

Na próxima vez em que encontramos a parente do Sr. Mc., que nos pedira que concentrassemos em seu benefício, e lhe narrávamos a história contada pelo espírito, esta confirmou o caso em todos os seus detalhes, dizendo que o infeliz epílogo fôra sempre guardado pela família no mais absoluto segredo. Mais tarde a mesma pessoa nos contou que o Sr. Mc. regressara ao seu lar, completamente normal e curado, e que vivia feliz com a sua segunda esposa e filhos.

O verdadeiro gozo da vida está na legítima compreensão da espiritualidade e não nas emoções biológicas.

Antenor Ramos.

Glória Mundi

Prof. Adauto de Oliveira Serra

Avançando-se um olhar retrospectivo pela história, iremos remembering os seus maiores vultos. E todos êles, depois de uma vida dedicada e toda ela voltada ao bem coletivo, morreram estupidamente como a provar a transitoriedade efêmera dêste «vale de lágrimas». E' que a terra é um dos planetas inferiores, onde os seres retornam em missão ou buscam retemperar o ânimo abatido, aprendendo sempre, progredindo sempre e sempre.

JESUS predisse a sua paixão e morte para que quando tal se realizasse, não se escandalizassem os apóstolos, vendo o filho diléto de Deus subjugado pelos homens, e sim que o seu reino, conforme respondera a Pilatos, não era o dêste mundo, e que nenhuma força teria sobre Si, se não fôsse permitida e emanada de seu divino Pai.

Tudo nos leva a crêr em outros mundos mais adiantados, onde teremos uma outra vida mais compensadora e melhor do que esta usurpada pela ambição e estupidez humanas, que não poupam nem os Grandes Enviados, e onde uma falsa e corrompida justiça continua a «oprimir o bem e a exaltar o mal».

No Evangelho segundo João, XV—26 e XVI—1, encontramos a consolação nos sofrimentos, segundo as promessas de Jesus:— «Mas quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, a saber, aquêle Espírito de Verdade, que procede do Pai, êle TESTIFICARÁ de mim. E vós também TESTIFICAREIS, pois estivestes comigo desde o princípio. Tenho-vos dito estas coisas, para que vos não escandalizeis. Expulsar-vos-hão das sinagogas; vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus. E estas coisas vos farão, porquanto não conheceram ao Pai nem a mim».

Teremos uma outra vida, mas essa outra vida dependerá do nosso próprio esforço, da maneira pela qual nos desempenhamos da vida atual e sobretudo dos ensinamentos que os Espíritos, com permissão de Deus, nos transmitem.

E Jesus, que foi glorificado em Je-

rusalém, que triunfou pela vida de renúncia e abnegação exemplares, que poderia a um gesto ter aniquilado todas as potências dos imperadores e centuriões romanos, que viveu prégando o amor, a humildade e o perdão, deixou-se crucificar como louco, como rebelde, debaixo das irrisões e aplausos da turba bárbara e pagã.

Porém o exemplo estava dado para que se cumprissem as profecias, e a semente redentora lançada em ubertosa terra. E hoje a Verdade renasce mais vitoriosa do que nunca. E' a luta do bem contra o mal, do verdadeiro contra o êrro, da doutrina de Deus contra a dos homens.

Volvamos, pois, as nossas vistas através da Civilização, e notaremos como em todos os tempos são falsos os triunfos dêste mundo e falha a Justiça dos homens.

Ora é um rei poderoso, destronado e morto pelo povo sublevado; ora é um glorioso general, que, no auge da vitória, recebe um ferimento mortal. E assim quando a glória culmina o apogêu, ha sempre uma espada de Dámocles ameaçando-a e fazendo-a tombar com fragor sob os seus escombros materiais. Vejamos:

MILCIADES, o invencível general ateniense, morto na prisão como qualquer celerado.

DION, o herói de Siracusa, assassinado no seu próprio leito.

ANIBAL, o cartaginez vencedor dos romanos, suicidando-se miseravelmente.

SÓCRATES, o maior e o mais célebre dos filósofos gregos, o mestre de Platão, obrigado a envenenar-se com sumo de cicuta, o que realizou com serenidade comovente.

CICERO, célebre orador, retórico, historiador, jurisconsulto, filósofo, epistógrafo e prosador mais elegante da literatura latina, cognominado o «Pai da Pátria», morto pelos soldados dos triumviros.

SÊNECA, preceptor de Nero e por êste obrigado a suicidar-se.

JULIO CEZAR, o maior general romano, morto no próprio senado por seu filho Bruto e alguns conjurados, com 21

golpes de punhal, quando ia ser proclamado rei.

COLOMBO, o descobridor do Novo Mundo, morto no exílio, em extrema miséria, traído, injuriado, vilipendiado.

GALILEU, ilustre matemático, físico e astrônomo italiano, já cego, arrastado ao cárcere onde passou seus derradeiros dias.

GUTTEMBERG, o inventor da imprensa, JENNER, que descobriu a vacina, HARVEY, médico inglês descobridor da circulação do sangue, morrem proscritos, pobres, escarnecidos e perseguidos.

LAVOISIER, o maior nome das ciências física e química, guilhotinado em praça pública em Paris.

CHATTERTON, poeta inglês condenado a morrer de fome. ARCHIMIDES, antigo sábio e geômetra, morto por um soldado.

DEMOSTHENES, grande orador ateniense, envenenado para não cair nas mãos dos soldados de Antíparos.

OS REIS DE FRANÇA, guilhotinados uns e outros apunhalados.

NELSON, o glorioso almirante inglês vencedor de Aboukir, morto na batalha de Trafalgar. NAPOLEÃO I, após ter conquistado e dominado quasi toda a Europa, depois de ter vencido e destronado os mais poderosos monarcas do velho mundo, sonhando ainda a conquista universal, é derrotado pelos ingleses e exilado para Sta. Helena onde morre esquecido, após um doloroso cativeiro de 6 anos.

LINCOLN, o grande presidente dos Estados Unidos, o pacificador da guerra da secessão, o libertador dos escravos, tomba logo após a vitória da integridade de seu país, quando despreocupadamente assistia à uma representação num teatro.

D. CARLOS I, o bonissimo rei de Portugal e o jovem príncipe D. LUIZ, abatidos barbaramente em plena rua a tiros de carabina. D. PEDRO II, o mag-

nânimo imperador do Brasil, violentamente destronado quando já estava a dois passos da sepultura, morre no exílio, longe de sua Pátria que tanto estremecera.

EUCLIDES DA CUNHA, assassinado traiçoeiramente por um desafeto. Ainda ha poucos anos, dois grandes milionários: ALDAR e KODAK, aquêle rei do fósforo e êste o grande industrial das famosas máquinas fotográficas, tão miseravelmente acabaram seus dias suicidando-se.

SANTOS DUMONT, o «Pai da aviação», a maior glória do Brasil e do mundo todo, desesperado por ver transformado em instrumento de extermínio entre os homens, a máquina voadora de sua invenção, golpeia o pescoço com uma navalha, suicidando-se.

Podíamos acrescentar as mortes trágicas de DOLFFUS, o «pequeno Napoleão austriaco», ALEXANDRE I da Iugoslavia e BARTHOU, ministro francês, todos tombados sob as balas assassinas de fanáticos, após terem prestado os mais relevantes serviços em pról de suas respectivas Pátrias, e quando elas mais precisavam de sua cooperação política como grandes patriotas.

JEANNE D'ARC, a heroína francesa que salvou seu país do domínio estrangeiro, única na história, é queimada viva em uma fogueira, publicamente, depois de um processo difamatório e capcioso.

A lista é longa. O túmulo longe de ser o ponto final de nossa existência, é a porta que nos abre a possibilidade de outra vida.

Teremos outras vidas nêste planeta intermediário onde tudo nos afirma ser êle um «purgatório». Teremos outras vidas em mundos inferiores a êste—«infernos», onde tudo será depurado. Teremos outras vidas em planetas superiores à Terra—«céus», onde se aprimoram as perfeições. E sobretudo, viveremos eternamente.

E' pelo estudo do mundo de além túmulo que se explicam as dificuldades da vida terrena. E' na irraticidade que se verifica a execução dessa justiça, tantas vezes desfalecente no nosso mundo; é aí que se encontra enfim essa felicidade, em cuja procura aqui se gasta a vida; é aí que o Espírito, desembaraçado dos cuidados materiais, pode entrever, de outro modo que não seja através de uma frasiologia, a verdadeira fraternidade: o amor sem limites de cada um por todos e de todos por um.

GABRIEL DELANNE.

Caminhar para Frente

E' buscando justamente a Verdade que fomos levados a ler com atenção um interessante livro de crítica, bem vasado, à obra extraordinária de Alexis Carrel — «O Homem esse desconhecido».

E' seu autor o Cel. Alfredo Severo e tem a obra o titulo «O homem desconhecido», na qual está manifesto o grande conhecimento em ciências do autor, que vem tecendo elogios a Carrel, porque êle com êsse livro estupendo, diante da observação dos factos na natureza viva do homem, enquadrou-se nos postulados do positivismo. Daí se conclue que todas essas observações do grande sabio ruiam por terra si não se ajustassem em tais postulados. Entretanto, nós lemos Carrel, na obra citada, e chegamos a conclusão de que Alexis é francamente espiritualista.

Num jôgo de palavras muito interessante, o autor da crítica alude ao *Espírito* da maneira seguinte: «Está claro que para Gall e A. Comte, o espírito não é vaga entidade metafísica, existindo inexplicavelmente fóra do organismo sem séde própria. Isso nunca, porque não ha fenómeno sem séde, nem função sem órgão que execute» (sic)

Dessa afirmativa se conclue que o Espírito existe porque êle tem uma séde no organismo, e sua função é justamente orientar e presidir, com inteligência, êsse organismo perfeito que denominamos HOMEM.

O Espírito, elemento flúidico, como a electricidade, executa a sua função, orientando o organismo, fiscalisa, com precisão, todas as partes do corpo, por intermédio da corrente sanguínea que lhe serve de veículo, e dá suas determinações directamente ao cerebro que é a sua séde.

Essa entidade nobre e inteligente, funcionando como mentor do organismo, vem constituir essa combinação admiravel, o homem vivo.

E quando um acidente, por exemplo, força o escoamento do Espírito, êsse organismo deixa de ser vivo para se transformar em matéria morta. Quando nós assistimos a um desastre em que um homem forte e sadio é vltima, temos que fazer o conceito de que com o sangue derramou-se o Espírito vivificador da-quele organismo.

Como nada se perde e nada se crêa na natureza, o Espírito volta ao Cosmo, para refazer suas fôrças, e a materia morta vai para a terra, afim-de-que se transforme.

Do Cosmo, volta porém o Espírito para animar outros corpos que, continuamente, se organizam na terra.

Porque não acatarmos uma doutrina, tão científica como as demais científicas, quando a natureza dos factos forcem a nossa razão a aceita-la?

Acabemos com o «magister-dix», tão prejudicial ao progresso do nosso Espírito, progresso que, obedecendo às leis naturais da vida, não dá e não pode dar saltos, tendo-se de realizar através da eternidade, pois, o Espírito também é eterno.

E assim transcorrem os factos muito naturalmente, sem solução de continuidade...

A «mecânica» da vida, em todos os setôres, é tão natural e tão perfeita, que só a soberania divina poderia organiza-la.

Porque nos insurgirmos contra essa idéia da soberania divina?

Porque havemos de preconceituar e orgulhosamente repelir um conceito que tanto nos auxiliará a acompanhar a evolução das cousas com muito mais naturalidade e simplicidade?

Busquemos a Verdade, porque ela nos fará livres.

J. O. C.

Ilusionismo e Espiritismo

Pelo Coronel Faure da Rosa — De «Estudos Psíquicos», Lisbôa, Portugal

O hebdomadário inglês *Pearson's Weekly* de 4 de Janeiro de 1936 publicou um artigo em que se lê o seguinte repto, em grossos caracteres: «Eu desafio os spiritistas.—Deixem-me assistir a uma sessão... Deixem-me ver os espíritos trabalhar e eu publicamente me retratarei do que tenha dito contra o Espiritismo,—diz o célebre ilusionista Jasper Maskelyne».

Queixa-se o reptador de que já o avô e o pai—também prestidigitadores—tinham feito o mesmo desafio... com o mesmo resultado nulo, e pergunta porque.

E' de presumir que a pergunta — pelo visto há três gerações repetida—continue sem resposta. Sabe-se lá porque!

Maskelyne nota que é frequente, duas ou três semanas depois do falecimento de alguma celebridade, aparecerem mensagens que os grupos espíritas atribuem ao desencarnado. Efetivamente, o reparo parece cabido: raras vezes os médiuns nos dão comunicações dos humildes, dos miseráveis. Entretanto, talvez êstes últimos tivessem e tenham mais ensinamentos a dar-nos do que aquêles que foram grandes homens e potentados na Terra.

Conta Maskelyne, atual representante de três gerações de ilusionistas, que o distinto sacerdote Archdeacon Colley pretendia ter visto um espírito em Bloomsbury e que o mesmo sacerdote oferecera mil libras a seu avô se êle fôsse capaz de reproduzir fenômeno idêntico. O neto afirma que o avô conseguira reproduzi-lo e, por isso, reclamara as mil libras. Mas, como o sacerdote não estivesse de acordo, o caso fôra levado ao tribunal que, por fim, julgou improcedente a reclamação do avô Maskelyne, não obstante—diz o neto — a imprensa e o público dessa época, terem dado razão ao avô. E' que nem sempre a «voz do povo é a voz de Deus».

Mais adiante, escreve: «Quando meu avô estava prestes a morrer, chamou meu pai para junto a si. «Eu quero dar ao Espiritismo uma prova da minha sinceridade—disse o moribundo ao filho.—Quan-

do estiver do «outro lado», eu hei-de procurar comunicar contigo. Deita-te na minha cama uns poucos de dias depois da minha morte; rodeia-te das coisas de meu uso e vê se consegues obter uma mensagem».

Durante uma semana, assegura Maskelyne neto, estivera o pai, J. Nevil Maskelyne, deitado na cama e nada conseguira que se parecesse com uma mensagem. Ao que julgou, isto vem a pêlo para demonstrar a impossibilidade de comunicação dos vivos com os desencarnados. Se assim é, o argumento tem pouca consistência. Sabe-se lá porque foi que o sr. Maskelyne não pôde comunicar com o pai!

O que era e é preciso, é que o Sr. Maskelyne filho prove que ainda ninguém conseguiu tal comunicação, ou, então, que alguém lhe prove tê-la já conseguido...

William James, filósofo americano, no discurso que, em 1894, proferiu na Sociedade de Investigações Psíquicas, de Londres, em resposta à negação dogmática dos sábios, teve estas frases que ficaram célebres: «*Se quizerdes revogar a lei de que todos os corvos são pretos, não precisais demonstrar que não há corvos; basta provar que existe um corvo branco. O meu único corvo branco é a Sr.^a Piper...*»

A' semelhança de James, vou mostrar alguns dos «corvos brancos» que conheço.

Frederico Myers, autor do livro *Human Personality and its Survival of bodily Death* fizera um pacto com William James: o primeiro dêles que partisse para o Além deveria enviar ao outro uma mensagem, mal deixasse êste mundo. Em 1901, em Roma, aconteceu que Myers, um dia, adoeceu gravemente do coração. O médico Axel Munthe, (1) chamado para conferenciar com o assistente, e que era amigo de Myers, declarou-lhe que êle morreria naquêles mesmo dia.

— Sinto-me feliz, retorquiu Myers. Estou preparado, sem nenhum receio. Vou,

(1) O Livro de San Michele, de Axel Munthe, tradução de Jaime Cortesão.

entim, saber. Diga a James, diga-lhe...

William James, estava tão acabrunhado pela dor que não teve coragem de entrar no quarto do doente; deixara-se cair numa cadeira junto da porta aberta, com um livrete de notas sobre os joelhos e de pena na mão prestes a escrever a mensagem com a sua habitual e metódica precisão.

O Dr. Axel Munthe debruçou-se sobre o moribundo e perguntou-lhe se sofria.

— Não, murmurou Myers; sinto-me muito abatido e muito feliz.

O Dr. Munthe diz que foram estas as suas últimas palavras, e acrescenta:

«Quando saí, James continuava na cadeira, com o rosto entre as mãos e o caderno aberto sobre os joelhos. A página estava em branco.

Em Janeiro de 1931 foi entregue ao Dr. Osty (1) um grande sobrescrito em que estavam escritas estas palavras: «Em caso de morte, deve esta carta ser entregue ao Dr. Osty. R. Santoliquido» (O Professor Santoliquido, conselheiro de Estado de Itália, foi, até 1928, Presidente do Conselho de Administração do Instituto Metapsíquico). Este primeiro sobrescrito continha um outro no qual o Dr. Geley escrevera: «*dossier*» organizado pelo Dr. Geley; para abrir só depois da minha morte e no caso de manifestação da minha parte.

O Dr. Osty, a título de experiência, no n.º 1 da *Revue Metapsychique* de 1933, pedia aos médiuns:

1.º — Que dessem a conhecer o conteúdo da carta;

2.º — Que realizassem o que nessa carta lhes fôsse pedido.

O Dr. Gustave Geley morreu, dum desastre de avião, em 1924.

Nenhuma comunicação até Junho de 1934 foi recebida que satisfizesse o pedido do Dr. Osty.

Admitamos que um médium qualquer tivesse podido ler o que continha a carta em causa. Não apareceriam cientistas insatisfeitos que dissessem que o médium podia ter ido ler à «memória cósmica»?

Para os adeptos, esta «memória cósmica», é uma registadora universal onde

todas as vibrações estão gravadas indelévelmente... e, assim, *tudo* seria explicável quanto a recordações; mas o problema subsistiria quanto ás ações inteligentes executadas no momento em que se fala, quer de realizações imediatas quer futuras.

E porque não admitir, também, a possibilidade das vibrações do pensamento de Geley, ao escrever a carta, terem sido recebidas e arrecadadas no famoso subconsciente dum vidente na Terra que com êle estivesse em «relação psíquica», e onde o médium, depois fôsse ler?

«*A dúvida fecunda* — escreve Bozzano — *mas orientada cientificamente para a solução espiritualista do grande mistério*, parece o estado psicológico mais apropriado ao progresso material e moral das gerações atuais».

«A certeza não depende da vontade de cada um. Quando se vêem, mesmo com deslumbrante nitidez, factos estranhos, inabituais, apesar da dúvida que nos invade, no próprio momento em que o facto se verifica, nós ficamos convencidos e sólidamente convencidos; mas, bem depressa tal solidez diminue. Ao cabo de algumas horas, de algumas semanas, e, com muito mais razão, de alguns anos, a certeza do facto observado — se é único e inverossímil — acaba por se evaporar. E é pena...» (2).

A certeza adquirida a que falte o apôio da fé, vacila como edifício assente em frágil alicerce, e vem a cair na dúvida, que, quando não é fecunda, gera a descrença.

Frederico Myers, quasi no próprio instante da sua partida para o Além, dizia ao médico e amigo Dr. Axel Munthe, contente, feliz: «Vou, enfim, saber... Diga a James...», esperando poder comunicar com... êle, imediatamente, conforme o pacto estabelecido entre ambos.

A promessa não se cumpriu... Porque?...

Que capacidade de execução podem ter no Além as promessas feitas na Terra?

Só o Dr. Gustave Geley sabia o que escrevera num papel e deixara encerrado dentro dum sobrescrito lacrado, o qual deveria ser aberto sómente se se desse qualquer manifestação *post mortem* do seu autor. Como até 1931 nenhuma manifes-

(1) *Revue Metapsychique*, n.º 1, de 1933, e n.º 6, de 1934.

(2) *La Grande Espérance*, por Charles Richet.

tação do espírito desencarnado se produziu, o Dr. Osty resolveu fazer uma experiência com os médiuns espíritas. Nenhum médium revelou o que continha a carta lacrada do Dr. Geley... Porque?

Não se têm produzido fenômenos, senão identidade perfeita, pelo menos semelhante?

Oliver Lodge, reitor da Universidade de Birmingham, fez a seguinte afirmação em 22 de Novembro de 1914 (3): «Eu tenho conversado com defuntos meus amigos, exatamente como o posso fazer com qualquer pessoa. Esses amigos, como homens de ciência que eram, forneceram-me a prova da sua identidade, a prova de que eram realmente eles e não uma personificação ou outra coisa qualquer emanante de mim mesmo».

No seu livro *Raimundo ou a Vida e a Morte*, o mesmo sábio, Oliver Lodge, relata manifestações do filho Raimundo depois de ter morrido no «front» francês, em 16 de Setembro de 1915, na colina de Hodge, onde fôra atingido por estilhaços de obús.

Jorge Pelham, amigo do Dr. Hodgson, prometera em vida que depois do seu falecimento enviaria comunicações do Além, utilizando a faculdade mediúnica da Sra. Piper. Depois da desencarnação, Pelham incorpora na Sra. Piper e reconhece, um a um, trinta dos seus amigos, com os quais falou como o teria feito na vida terrestre. Com o Dr. Hodgson discutiu filosofia durante anos. O Professor Dr. Charles Richet, confirma que Jorge Pelham reapareceu psicologicamente todo inteiro e se referiu ao que viu, disse e fez e ouviu durante a sua vida terrestre.

Stainton Moses, sacerdote duma rara penetração de espírito duma lealdade absoluta, em sessão mediúnica na biblioteca do Dr. Speer, pediu ao espírito que, por seu intermédio, comunicava psicograficamente, que lêsse o último parágrafo da página 94 do penúltimo livro da segunda prateleira de tal estante e afirmou: «Eu não sei de que livro se trata e até ignoro o título do livro». Minutos depois, o espírito comunicante ditou o seguinte parágrafo: «Provarei com uma resumida referência histórica que o papado é uma novidade, que, gradualmente, se

elevou e engrandeceu desde os tempos primitivos do Cristianismo puro não só desde o tempo dos apóstolos, mas, até, desde a lamentável união da Igreja e do Estado por Constantino.»

O livro em questão era uma obra excêntrica que tinha por título — *Roger's Anti-popo—priestian*, frase seguida de outros nomes ainda mais arrevezados. Verificou-se que o trecho lido estava certo excepto quanto à palavra *narrativa* que substituíra a palavra «account». Stainton Moses perguntou como encontrara êle frase tão apropriada, ao que o espírito respondeu que por mera coincidência; que a palavra fôra mudada por engano e que se apercebera disso, mas não a quisera corrigir... Em seguida declarou que ia ler mais uma vez: que escrevesse êle, Stainton Moses, o que lhe fôsse ditado e depois daria as indicações precisas para se encontrar o livro respectivo... E ditou assim: «Pope foi o último grande escritor desta escola de poesia, a poesia da inteligência, ou antes, a inteligência combinada com a imaginação...»

Dirigindo-se a Stainton Moses, disse: «Vá buscar o décimo primeiro livro à mesma prateleira da mesma estante.» Tirado o livro viu-se que o título era *Poesia, Romance e Retórica*. Aberto o livro na página indicada pela inteligência comunicante, ali se encontrava o trecho ditado. Stainton Moses assegura que nunca vira aquele livro e não podia ter a menor idéia do que nêle continha.

Porque não poderão, então, os médiuns de agora ler o que contém a carta do Dr. Geley?

Porque não comunicou Myers com James?

Porque não comunicou Maskelyne pai, com o filho?

«Quando um químico ou um fisiologista faz uma experiência, — escreve Richet — se todas as condições de realização estiverem bem determinadas, essa experiência terá bom êxito. Mas não acontece o mesmo com a experimentação da faculdade mediúnica. «Os mais poderosos médiuns que em dez experiências tenham produzido resultados admiráveis, podem falhar, completamente, na undécima, na duodécima e na décima terceira, não obstante todas as condições de experimentação terem sido aparentemente idênticas».

Se pudéssemos falar com os viventes de Além, por meio do aparelho me-

(3) *Annales des Sciences Psychiques*, de Janeiro de 1916.

diúnico, como falamos com os viventes da Terra por meio do aparelho telefónico!...

O valor teórico de cem experiências *negativas* fica literalmente anulado por uma só experiência positiva bem observada — afirmou William Crookes.

E Bergson era da mesma opinião: «Em certos casos, a prova estatística nada significa: uma única experiência perfeita é bastante». Howard Thurston, um dos mais célebres médiuns dos Estados Unidos, confessou publicamente a sua fé no Espiritismo. Will Goldson, do *Magian's*

Club, afirma ter conversado, muitas vezes, com a irmã falecida.

Harry Prince, prestidigitador convertido ao Espiritismo, assegura que há prestidigitadores que são médiuns sem o saberem, como Houdini e Howard Thurston declararam que era o seu caso. Stuart Cumberland, leitor do pensamento, confessou que, durante as suas representações, sentia-se invadido por um poder que não sabia explicar.

Os «corvos brancos», afinal, abundam; e bastava um só para a demonstração.

Crônica Estrangeira

Espírito que fala idioma ignorado do médium

Na noite de 18 de março de 1925, convidou-se para assistir à sessão o poeta japonês Gonnoské Komai. Mr. Bradley conta o que se passou, do modo seguinte:

«O episódio mais dramático da sessão deu-se quando uma «voz» se dirigiu em japonês a Gonnoské Komai. Por duas vezes a corneta-acústica tombou antes que o espírito comunicante conseguisse reunir forças para materializar a voz. A corneta luminosa se ergueu pela terceira vez, transportou-se para a frente de Gonnoské Komai, nele tocou duas ou três vezes, ouvindo-se então saírem da corneta as palavras: «Gonnoské! Gonnoské!» Este modo de nomeá-lo impressionou profundamente G. Komai, por motivo que adiante daremos.

Pouco a pouco a voz foi adquirindo força, dando o nome do comunicante: «Otani». Assim estabelecida a identidade do espírito, seguiu-se ligeira conversa em japonês, na qual o morto falava principalmente dos seus filhos.

Mais tarde G. Komai nos revelou circunstância muito interessante relativa ao facto do espírito comunicante o haver cumprimentado chamando: «Gonnoské! Gonnoské!» Ora, segundo o uso japonês, só os pais ou o irmão mais velho têm o direito de cumprimentar uma pessoa pelo seu prenome e o espírito, que se havia manifestado a G. Komai, tinha o direito de assim fazer, pois era o seu ir-

mão mais velho, o que não deixa de ser bastante significativo.

Quando o espírito comunicante se retirou, «Bert Everett» o seu «espírito-guia» disse, dirigindo-se a G. Komai: «Com teu irmão estava também tua mãe.

Vem a propósito notar que todos os assistentes tudo ignoravam a respeito de G. Komai, nenhum conhecendo uma só palavra de japonês.

É este um dos mais belos exemplos modernamente obtidos a favor da sobrevivência.



A Emissão Humana

La Revue Spirite consagra uma seção à transcrição de notas e artigos publicados em periódicos alheios ao Espiritismo. Reproduzimos uma nota que foi colhida em *Le Médecin Français*, em que o Dr. Moner chama a atenção de seus leitores para o assunto. Depois de haver detalhadamente descrito uma experiência do engenheiro Müller, de Zurich, o autor chega à seguinte conclusão:

«... Ela força a aceitar a *existência duma emissão humana*.

Ela mostra que essa emissão é suscetível de atravessar certos corpos de fraca espessura, como uma delgada lâmina de mica.

Reproduzamos a experiência precedente, aproximemos os dedos da lâmina de mica ou coloquemo-los em contacto com esta última. Constatamos que a agu-

lha que estava na divisão 15 do micro amperímetro caminha para o zero. Levantamos os dedos da mão; poder-se-ia acreditar que a agulha em que marcha para o 0, voltará para a divisão 15, donde partiu. Mas, assim não acontece, a agulha continua sua marcha para o zero, atinge-o e somente após alguns décimos de segundo que se reproduzirá a marcha retrógrada da agulha. Ela não atingirá a divisão 15 senão por sucessivas sacudidelas, tudo se passa como se a mica tenha armazenado a emanção que exerce ação sobre o aparelho após o levantamento da mão.

Pudemos constatar que os metais, madeiras, ebonite, cristais nenhuma ação exerciam sobre o aparelho. Mas se a mão dum ser humano segurar por instantes um objeto, que precedentemente não tenha provocado desvio da agulha, esse objeto adquire imediatamente a possibilidade de desviar a agulha do aparelho.

Pode-se medir o valor da emanção.

— Facilmente. Estando a mão colocada a uma distância fixa do condensador de fios; o valor da emissão fluídica será medido pela resistência capaz de reconduzir ao seu valor primitivo a corrente de laca medida pelo micro-amperímetro.

Basta, pois, intercalar entre a agulha e o condensador de fios, *uma resistência variável para muito exatamente medir a potência da emanção humana.*

Pode-se facilmente constatar que o valor da emanção é mui diferente, segundo os indivíduos submetidos a exame.

Por esta série de experiências, creio que a existência duma emanção humana já não pode ser posta em dúvida.»



As surpresas que nos esperam no Além

The Progressive Thinker

Este periódico estadunidense publicou o que se segue sobre as surpresas que nos esperam ao ingressarmos no Além: «Cada espírito assiste aos seus funerais, depois do que êle constata: A tristeza e a agitação para êle inesplicáveis, por parte dos que deixou na terra — Sensação de imortal juventude: inexistência de velhice e de moléstias — Presença dum guia

o mais apropriado às circunstâncias — Insignificância do mundo material: os diamantes são seixos; os palácios principescos, amontoados de areia, tudo vaidade que os terrícolas procuram para se engrandecerem aos olhos dos outros — Glória do Além onde tudo é mais belo e mais puro do que na terra — Ecloração de novos sentidos, e daí intensa atividade espiritual — Sensação de uma elevação espiritual, mesmo para aqueles que as religiões condenam ao inferno eterno — Desvanecimento de todas as distinções que os homens criam em matéria de religião, de politica, de nacionalidade, de raça, etc. — Uma só palavra é a chave de toda a vida espiritual: Amor — Passagem muito doce da vida material para a vida espiritual: a morte é a coisa mais natural e a mais simples do mundo.»



Espírito Tutelar

O Dr. Léon Petitjean publicou em *Annales des Sciences Psychiques* o seguinte caso de possessão mediúnica e assistência tutelar, que foi investigado pelo autor do relato.

«O marido de Maria Chelega era um refugiado russo, hábil pintor, que vivia em Paris com os proventos de sua arte. Mas morreu repentinamente deixando a viúva em extrema indigência. Esta, muito altiva para implorar auxílio, procurou trabalho, mas inutilmente. A fatalidade se incarnava contra ela, e chegou o momento em que sombria idéia atravessou sua mente: a de resolver o problema por meio do suicídio. Foi então que começou o maravilhoso.

No instante do ato supremo, o cérebro da desesperada foi invadido por violenta comoção, e uma fôrça desconhecida a impeliu a tomar a palheta e os pinceis, os quais, desde a morte do pintor, jaziam amontoados a um canto do atelier; e, apesar de destituída das mais rudimentares noções de desenho e pintura, ela começou a lançar tintas sobre a tcla, pintando seres e paisagens fantásticos, que se afiguravam maravilhosos aos que os viam. No momento da execução, ela sentia que uma inteligência estranha dela se apossava, dirigia-lhe a mão, fazendo-a exprimir uma arte extra-humana, de certo modo. Certo dia apresentou-se a primeira clien-

te que desejava um retrato a óleo. Instantaneamente, Maria Chelega sentiu-se controlada pelo que fôra seu marido, e corajosamente fixou a pretendente, dizendo: «Está bem, senhora. Farei o seu retrato e podemos começar imediatamente, se fôr do seu agrado». Assim dizendo, ela se transformou; já não era a pintora de visões fantásticas, e pôs-se a trabalhar com serenidade e competência de artista consumado. Em poucas sessões, o retrato estava terminado. A semelhança era chocante, a fisionomia exprimia vitalidade. Êste primeiro retrato a óleo, provocou sensação entre os conhecidos da cliente, e vasta clientela não tardou a acorrer ao atelier de Mme. Chelega.

Esta estava salva, e a intervenção tutelar do defunto nunca se fez esperar, quando ela empunhava a palheta».

*

Um Fenômeno de «Bilocação» no momento da morte

«Light»

O Rev. W. Stainton Moses observou o fenômeno por ocasião do falecimento de seu pai, e publicou-o decorridos poucos dias após a morte. Diz êle:

Ultimamente, pela terceira vez em minha vida, tive ensejo de estudar o processo da transição do espírito e tanta coisa conseguí observar, que me sinto feliz de poder ser útil narrando o que vi...

Tratava-se de um parente próximo com cerca de 80 anos de idade, que se encaminhava para o túmulo sem ser arastado por qualquer enfermidade especial.. Por alguns sintomas, aparentemente insignificantes, notei que o seu fim se aproximava e não me descuidei de cumprir o triste dever que me competia...

Auxiliado pelos meus sentidos espirituais, não me foi difícil perceber que, em seu derredor e sôbre si, se reunira o aura luminoso com o qual o espírito deveria constituir o seu corpo espiritual; ia

notando que êsse aura aumentava rapidamente de volume e densidade apresentando contínuas variações para mais ou para menos, de acôrdo com as oscilações que experimentava a vitalidade do moribundo. Pude ainda verificar que, ás vezes, um simples alimento ingerido ou mesmo o inflúxo magnético desprendido de alguém que se aproximava, era o bastante para animar momentaneamente o corpo, parecendo determinar um revigoramento dos laços que prendiam o espírito ao corpo, o que se ia refletir no aura, imprimindo-lhe movimento semelhante ao de fluxo e refluxo.

Observei o fenômeno durante doze dias e noites e, embora ao sétimo dia o corpo manifestasse sinais evidentes de dissolução iminente, essa flutuação maravilhosa de vitalidade espiritual, em via de se exteriorizar, persistia sem mudança. A côr do aura, pelo contrário, se havia modificado, além de ir tomando forma mais ou menos definida, à medida que se aproximava o momento da libertação do espírito.

Somente 24 horas antes do falecimento, quando já o corpo jazia inerte, com as mãos cruzadas sôbre o peito, foi que vi aparecer os «espíritos-guias» que se aproximaram do moribundo e sem qualquer esforço ajudaram o espírito a se desprender do corpo esgotado.

Ao mesmo tempo que isso se dava os assistentes constataavam a morte do corpo. E' possível que assim fôsse. Com efeito, o pulso e o coração não davam mais sinal de vida, a respiração não mais embaçava o espêlho, mas os cordões magnéticos ligavam ainda o espírito ao corpo e assim permaneceram durante 86 horas. Estou bem certo que se durante êsse tempo, dentro das condições favoráveis, uma vontade forte houvesse agido no sentido de compelir o espírito a voltar ao corpo, a ressurreição de Lázaro ter-se-ia repetido. Os cordões afinal se romperam e os traços do defunto, nos quais até então se liam os sofrimentos suportados, serenaram completamente, tomando uma expressão infável de paz e de descanso.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Um empreendimento oportuno e valioso

Quis a fortuna que nós contássemos entre os muitos discípulos de Eurípedes. Durante três anos desfrutamos sua doce companhia, recebendo suas preciosas lições no Colégio «Allan Kardec», em Sacramento. Eurípedes foi incomparável em todos os seus empreendimentos, mas, o seu especial carinho foi na educação da mocidade. «Posso fechar a Farmácia, o Colégio nunca», expressão costumeira sua, quando suportava a mais ferrenha perseguição. E êle tinha razão. Espírito iluminado, via na educação da mocidade, à luz do Espiritismo, a verdadeira e sólida estrutura dos caracteres. E os anos se passaram. Ginásio... Academia... muita ciência, porém, vazio e frieza. E a imagem do mestre se nos destacava no pensamento, que voava áquele recanto bendito de Sacramento, onde, aos bens da razão, recebemos o pão do espírito, dado com bondade e amor.

—

Produzir algo na vida. Necessitamos fazer alguma coisa por nós e por nossos irmãos. Assim nos brada a consciência. Que tarefa mais nobre pode ser que a de trabalhar em prol da causa da Doutrina. O Espiritismo atende a todas as necessidades humanas, envolve todos os problemas da existência. Nêle se encerram os nossos maiores anseios e os nossos mais santos ideais. Não há dúvida. Um trabalho dentro do Espiritismo, sincero e desinteressado, representa o empreendimento mais útil.

—

De há muito paira em nossa idéia a fundação de um colégio espírita, onde se aliasse à instrução o conhecimento da Doutrina. Precisamos mais do que nunca cogitar da educação de nosso povo.

«No Brasil só há um problema, a educação do povo», disse em conferência memorável o inolvidável pro-

fessor Miguel Couto. Que maravilha se essa educação se fizer aliada aos mais nobres conhecimentos ofertados à humanidade, quais sejam os ensinamentos espíritas. Vemos com tristeza certas práticas extravagantes entre os adéptos da Doutrina. Precisamos convir que tais aberrações vem mais da ignorância dos praticantes do que mesmo de sua má vontade. Tais êrros são quasi sempre ranço de doutrinas dogmáticas que aprenderam desde o berço e que se cristalisou em seus espíritos. Só mesmo a educação metódica em estabelecimentos especializados, principalmente à mocidade, pode tirar de vez, todos êstes êrros arraigados. O que caracteriza os alunos que cursaram o Colégio de Eurípedes, às vezes, moradores em lugares acanhados, é essa lucidez de espírito na interpretação das cousas e seu discernimento em assuntos da Doutrina.

Aos que opinarem que não se deve ensinar religião alguma à criança, aguardando a época do amadurecimento da razão, em que o rapaz ou moça devem seguir a religião que bem entender, responderemos com Emanuel: «O período infantil, em sua primeira fase, é o mais importante para todas as bases educativas e os pais espiritistas cristãos não podem esquecer os seus deveres de orientação dos filhos, nas grandes revelações da vida». «O pretexto de que a criança deve desenvolver-se com a máxima noção de liberdade pode dar ensejo a graves perigos». «Já se disse no mundo, que o menino livre é a semente do celerado».

Foi preciso a arbitrariedade do diretor de um estabelecimento educativo local para nos despertar. Expulsou um aluno por ser espírita e ainda escreveu uma carta ao pai do aluno, alegando aquela razão. Esta carta, com o respectivo comentário, publicámos na «A Nova Era». Veio daí a idéia da fundação de um educandário espírita, onde os pais espíritas pudessem colocar seus filhos sem constrangimento. Um estabelecimento

modelar seria obra de vulto e demandaria tempo. Fundamos, de início e a título provisório a «Escola Pestalozzi», bem instalada, e que já vem prestando ótimos serviços. Agora está lançada a «Fundação Ginásio Pestalozzi Ltda», em Franca, associação por meio de quotas pagáveis em parcelas de 25%. O recebimento da idéia excedeu a nossa expectativa. Já contamos entre subscritores de quotas e donatistas mais de 210.000 cruzeiros. Houve um entusiasta da educação da mocidade que ofereceu vultuosa quantia. E tudo isto quasi só entre confrades. Já estamos entabulando negociação do terreno, planejando muito breve a construção do prédio, que será confortável e satisfazendo todas as condições de higiene. O Ginásio será equiparado, contando com ótimo corpo docente e disciplina. Os senhores pais poderão estar tranquilos sob o trato, instrução e educação de seus filhos.

Um estabelecimento assim virá sanar um grande vazio no Espiritismo. Representa obra de necessidade do momento e oportuna. Precisamos convir que o mundo se prepara para uma grande transformação e enorme será o papel do Espiritismo, no futuro que se aproxima.

T. Novelino.

Uma Grande Caravana Espírita para Juiz de Fóra

Espíritas de Nova-Iguassú, Macaé, Campos e Belo Horizonte visitam, festivamente, Juiz de Fóra — Obras que impressionam — Momentos de vibração e alegria intensivas

O Espiritismo de Juiz de Fóra, viveu quatro dias de intensa vibração, de 12 a 15 de Novembro, com a visita fraterna de espíritas das cidades acima mencionadas.

A viagem dos espíritas da planície fluminense foi de ônibus. E pontilhada das mais suaves impressões. De tal modo que outros passageiros confessaram que viajar assim, alegremente, é bem melhor.

Ao transpôr a ponte de Parai-

buna um caravaneiro, Atlas de Castro, meteu-se a cobrar o imposto de barreira, pois já se estava no Estado de Minas. Todos pagaram alegremente, inclusive um reverendo que acabou participando da alegria reinante.

Em Entre-Rios, uma comissão de espíritas do FE' E ESPERANÇA, com o seu presidente à frente. Em homenagem a gesto de tanta cordialidade, o acordeonista Oli de Castro executou, ali mesmo, um número de música. E ficou registrada pelos caravaneiros, uma visita igual para aquela importante cidade fluminense.

Foram cordialmente recebidos em Juiz de Fóra e hospedados todos eles—e eram 21!—pelos irmãos visitados, nos seus próprios lares.

Havia chegado já, na véspera, a comissão de Belo Horizonte, a que faziam parte os confrades Dr. Noraldino de Castro, Dr. Newton Marins Freire, Dr. Cezar Burnier, Domingos Moutinho, J. Abrantes Junior e outros.

Juiz de Fóra já conta uma cópia apreciável de realizações práticas e e humanitárias, construídas sob as claridades do Espiritismo, como a «Fundação João de Freitas» modelar organização para amparo à pobreza envergonhada e à velhice e infância desvalidas; o «Albergue dos Pobres», outro monumento de caridade cristã anexo ao Centro «União, Humildade e Caridade»; o «Instituto Eugenia Braga» e outras organizações similares, de amparar e educar simultaneamente, anexas à CASA ESPÍRITA, a «Sopa dos Pobres», do Centro Espírita VENANCIO CAFÉ, e tantos outros, que Juiz de Fóra é cidade onde os espíritas estão voltados às necessidades dos sofredores.

O primeiro contacto programado dos visitantes com os visitados, na FUNDAÇÃO JOÃO DE FREITAS, ao ar livre, na Praça da Harmonia. Presidiu-a o Prof. Leopoldo Machado, que começou assinalando as três finalidades da visita: retribuir a que Nova-Iguassú recebera ha um ano; estreitar ainda mais os laços da fraternidade entre irmãos que se afinam significativamente e permutar aproveitamentos, pois visitados e visitantes deviam copiar, simultaneamente,

aquilo que de mais interessante lhes falte, para a integração definitiva de seu programa. E registrou que, como a visita agora feita era de mais dias, ficavam os irmãos de Juiz de Fôra devendo dois dias aos irmãos de Nova-Iguassú. Risos... E o movimento espírita da cidade trava conhecimento com as quatro figuras que teriam de ser, durante os quatro dias festivos, as mais aplaudidas da caravana: senhorita Maria Amelia Ribeiro de Castro, artista da palavra; senhorinha Laís Teixeira, cantora de coisas espirituais em linda voz de contralto; d. Maria de Lourdes Pereira, eximia declamadora e Olí de Castro, accordionista.

O «Almoço da Fraternidade» seguiu-se à reunião. Uma centena de espíritas à mesa em fórma de U — união do espírito de bôa vontade — ouviu, primeiro, o oferecimento do generoso ágape pelo Presidente da CASA, Ali Hafeld, a prece proferida por d. Maria de Lourdes Pereira, a página sôbre a aproximação espiritual lida por Aleixo Magaldi... Servido o farto e generoso ágape, um conviva, à sobre-mesa, tira do dedo um lindo anel de brilhantes e oferece para ser leiloado ali a benefício das três obras locais — o *Instituto Maria*, o *Instituto Jesus*, a *Fundação João de Freitas* — do LAR DE JESUS, de Nova-Iguassú e o LAR DE MARIA, de Macaé. A joia fôra arrematada por Cr.\$ 5.200,00 (cinco mil e duzentos cruzeiros). As representantes do LAR DE JESUS e do LAR DE MARIA renunciavam à parte que cabe às duas entidades, afim de que o apurado na joia reverta a benefício das três entidades locais. Momentos êstes, pelo desprendimentos, renúncias e alegrias cristãs de fortes emoções!

As reuniões subsequentes — à noite, o programa teatral, na própria FUNDAÇÃO, e as da CASA ESPÍRITA, do UNIÃO, HUMILDADE E CARIDADE e do VENANCIO CAFÉ — correram animadíssimas, sem ambiente suficientemente amplo para conter a massa enorme de interessados.

Na memorável reunião do UNIÃO, HUMILDADE E CARIDADE, o Prof. Leopoldo, que declarara não levava a Juiz de Fôra, desta vez, sua

palavra, já por demais conhecida no meio, mas outras palavras ainda ali desconhecidas, fôra aclamado para também falar. E falou, salientando as belezas do Espiritismo de vivos para vivos, que anda a prègar.

Além dos acima citados, outros confrades, visitantes e visitados, usaram, também, da palavra. Entre êles, Vitorino dos Santos, João Antonio Marques, Isaltino da Silveira Filho, Gomes Filho, d. Caliope Braga, d. Maria José de Carvalho, dr. Arminio de Carvalho, dr. Noraldino de Castro, dr. Cesar Burnier, Olí de Castro, d. Maria de Lourdes Pereira, srts. Laís Teixeira e Ilza Chaves de Almeida, J. Abrantes Jr., Orville Derby, J. B. Chagas e outros...

— Juiz de Fôra espírita nunca ha de esquecer a vibração espiritual dêstes quatro dias — ouviu-se na despedida.

— Parece que voltamos de um mundo diferente, espiritual e de sonhos, para reincarnarmos novamente, — ouviu-se dos que partiam...

Sanatório Bom Retiro

A importante obra de Curitiba é a maior que o Espiritismo já inspirou — Mais de cr.\$1.300.000,00 já foram empregados — Admiração para médicos e jornalistas profanos — Obra de abnegação e renúncias — Sua breve inauguração...

O SANATÓRIO ESPÍRITA BOM RETIRO, que se está construindo ha dez anos, é incontestavelmente, a maior obra humanitária e cristã que o Espiritismo já inspirou. Dista 3 quilômetros do centro da cidade, no bairro de *Pilarzinho*, em local dos mais aprazíveis e pitorescos da formosa capital paranaense. Já dispõe de 2.300m². de construção moderna, higiênica e confortável. É de uma área livre de 54.000m². Em derredor, florestas de velhas arvores acolhedoras, transformadas em parques e retiros próprios para repouso, além dos três parques internos, para descanso, banhos de sol, recreios.

A despeito de todas as dificuldades, a construção do SANATÓRIO não parou. E chegou-se a comprar

cimento a Cr.\$60,00. Em S. Paulo, numa reunião íntima, um dos seus abnegados orientadores ouviu do luminoso espírito de Cairbar Schutel, inesperadamente: «Fé em Deus, que nunca ha de faltar recursos para as obras do *Sanatório*»...

E assim tem acontecido.

Só lhe estão faltando os arreates para sua inauguração e imediato funcionamento, que até o mobiliário e o maquinário da instalação, tudo perfeitamente ajustável às exigências oficiais, já lá estão, nos seus devidos lugares.

As origens do *Sanatório*?

E' a maior realização da Federação Espírita do Paraná, entidade que sabe harmonizar, admiravelmente, à difusão da Doutrina, nos moldes cristãos, as obras de assistência, justificadoras daquela difusão. A FEP ia construir um abrigo para velhinhos. Mas, o governo do Estado tomou-lhe a dianteira. Voltou-se, então, para o SANATÓRIO, obra, sem sombra de dúvida, de maior importância, eficiência, renúncia, e sacrifícios.

Já estão prontos, de construção moderna, segura e confortável, perfeitamente ajustados aos rigores da higiene e aos métodos modernos de tais construções, os pavilhões dos homens, das mulheres, das crianças, de observação e da administração, de isolamento e dos funcionários, dos médicos, farmácias e laboratórios.

Em volta, oito casas de madeira, estilo da terra, para o pessoal do serviço do campo, plantação e criação, que o SANATÓRIO vai ter sua horta, lavoura e criação próprias.

Ilustre psiquiatra de S. Paulo visitando-o, confessou que o Sanatório do Estado não lhe ficava, em nada, superior. E lá deixou os termos inconfundíveis de sua admiração. Um jornalista paulista, depois de visitá-lo, minuciosamente, sem dizer palavra, disse, de saída: «Agora, acredito no que dizem dos espíritas: que são uns loucos porque só loucos podem construir uma obra de tal vulto»...

O SANATÓRIO ESPÍRITA BOM RETIRO destina-se a curar obsessos

pela terapêutica espírita, sem desprezar a psiquiatria oficial, de vez que, com tal desprezo, não teria permissão oficial para seu funcionamento.

Entre os animadores, no plano material, do *Sanatório*, destaca-se o dr. Artur Lins de Vasconcelos, nome conhecidissimo nos meios espíritas nacionais que tem feito ao SANATÓRIO consideráveis donativos. E à frente de sua construção, salientam-se, principalmente, em nome da FEP, os irmãos João Ghignone e Abib Isfer.

Sua inauguração será muito breve.

Far-se-à juntamente com o CONGRESSO ESPÍRITA DO PARANÁ, que está sendo articulado pela FEP.

O Fim do Caso Humberto de Campos

Depois de longa exposição feita pelo desembargador Alvaro Moutinho Ribeiro da Costa, a Terceira Câmara do Tribunal de Apelação do Distrito Federal, confirmou a sentença do Dr. Mourão Russel, que julgou a família Humberto de Campos carecedora de ação contra a Federação Espírita Brasileira pela publicação das obras dêsse escritor, psicografadas pelo médium Francisco Candido Xavier.

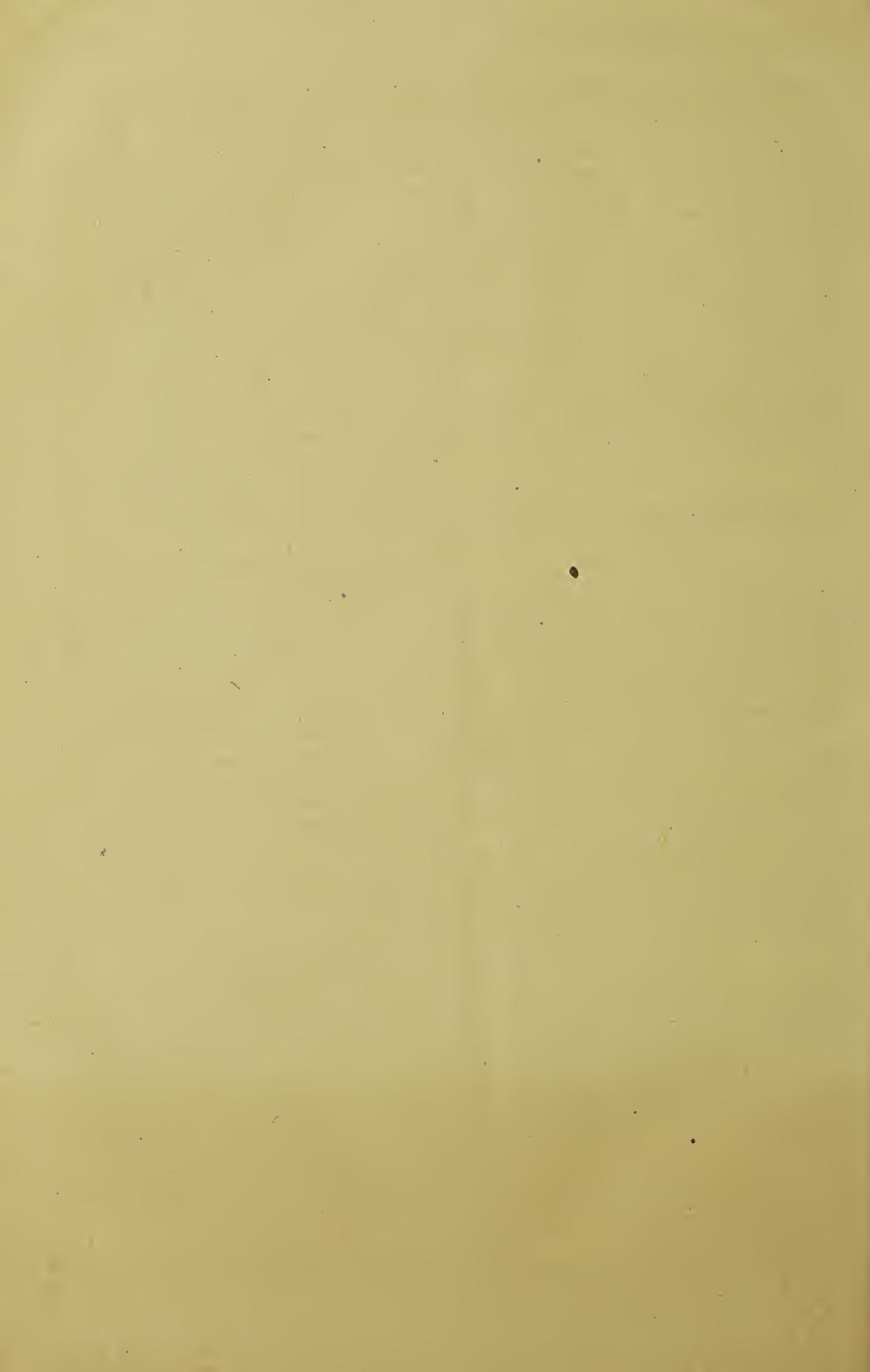
Por não caber mais recurso ordinário, em virtude de ter sido unânime a decisão, está, pois, definitivamente julgada a causa, o que constitue motivo de júbilo para os espíritas em geral.

Entretanto, a Federação Espírita Brasileira resolveu atender, em parte, aos desejos da família de Humberto de Campos, retirando, nas futuras edições, da capa das obras mediúnicas, qualquer alusão ao nome de Humberto de Campos, renunciando, voluntariamente, a um direito que lhe conferiram os tribunais.

Dessa maneira fica encerrada a rumorosa questão que resultou numa proveitosa propaganda da doutrina espírita.

Deus sabe o que faz.





Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Director. José da Costa Filho

Redator: Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. \$2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro

8931CL

02-06-07 32100

838

XL

Group

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

FOR LIBRARY USE ONLY

Handwritten text in blue ink, possibly a title or header, located at the top of the page.

